

REGINA CELIA BEDIN

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
SEXUAL ENQUANTO TEMA DE INVESTIGAÇÃO
E ENSINO EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS A
PARTIR DAS AÇÕES DE GRUPOS DE PESQUISA**



**ARARAQUARA – SP
2010**

REGINA CELIA BEDIN

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
SEXUAL ENQUANTO TEMA DE INVESTIGAÇÃO
E ENSINO EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS A
PARTIR DAS AÇÕES DE GRUPOS DE PESQUISA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Luci Regina Muzzeti

Bolsa: CAPES

**ARARAQUARA – SP
2010**

Bedin, Regina Celia

A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa / Regina Celia Bedin – 2010

109 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e
Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Luci Regina Muzzeti

1. Sexualidade. 2. Educação sexual. 3. Conhecimento sexual.
4. Grupos de pesquisa. 5. História da educação sexual no Brasil.
6. Universidade. I. Título.

REGINA CELIA BEDIN

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SEXUAL ENQUANTO TEMA DE INVESTIGAÇÃO E ENSINO EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS A PARTIR DAS AÇÕES DE GRUPOS DE PESQUISA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Luci Regina Muzzeti

Bolsa: CAPES

Data da qualificação: 30/06/2010

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Dra. Luci Regina Muzzeti

Universidade Estadual Paulista – FCL – Departamento de Didática – Campus de Araraquara

Membro Titular: Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP

Membro Titular: Dra. Sueli Aparecida Itman Monteiro

Universidade Estadual Paulista – FCL – Depto. de Psicologia da Educação – Campus de Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Ao Paulo Rennes, meu marido, sempre dedicado, pela paciência e encorajamento, elementos essenciais para que eu finalizasse este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Oswaldo e Madalena, que me proporcionaram as oportunidades para que eu chegasse à UNESP e ao mestrado;

À minha orientadora, Luci, pela confiança, amizade e estímulo, e particularmente por ter me acolhido tão calorosamente quando pela primeira vez busquei o Mestrado na UNESP;

À Cau, sempre amiga, divertida e inteligente, que me mostrou caminhos e muitas vezes me inspirou, além de ser excelente companheira de viagens;

À Sueli que, torceu, acompanhou e, na etapa final, deu contribuições importantes ao trabalho na qualidade de integrante da banca do Exame de Qualificação;

À Márcia Onofre, que me mostrou o caminho para o mestrado, e à Lucilaine, que me ajudou a entender e conhecer a FCL e o novo mundo que me descortinava;

Aos membros do NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar que, nas disciplinas ministradas, trouxeram novos conhecimentos que deram subsídios à minha formação;

Aos coordenadores e integrantes dos Grupos de Pesquisa que responderam ao questionário, participando como valiosos colaboradores da pesquisa;.

À Ana Paula, Andreza, Anne, Dulce, Evelin, Mayra, Nathalia, Shirley e Taísa, que estiveram mais próximas das atividades que desenvolvi no NUSEX, pela amizade construída e consolidada;

Às amigas e amigos de longe, que me receberam por ocasião dos vários intercâmbios que pude realizar, me descortinando um mundo novo e contribuindo para minha formação tanto pessoal quanto como educadora: Eladio, na Espanha; Isabel, Filomena e Teresa, em Portugal; Laura e Maria Celia, na Argentina; Giselle, Francisco e João Guilherme, em Rondônia; Paula, no Rio Grande; Sonia, em Floripa; Eliane, em Maringá... E também à Maria Alves, Mary Neide, Celia, Ari, Jaqueline e Arilda...

Vocês são co-autores e co-autoras deste trabalho.

RESUMO

Considerando a limitada existência de estudos sobre a institucionalização do saber sexual na universidade, buscamos realizar esta investigação objetivando verificar como a UNESP e algumas universidades brasileiras, enquanto instituições de ensino e pesquisa, têm dado contribuições ao campo da Educação Sexual a partir da atuação de grupos de pesquisa. A presente dissertação descreve e analisa a institucionalização do conhecimento sexual e a consolidação da educação sexual enquanto tema de investigação e ensino em algumas universidades brasileiras e qual o papel dos grupos de pesquisa neste processo. Foram entrevistados coordenadores e integrantes de seis grupos da UNESP e seis grupos de outras universidades, e as respostas foram agrupadas em categorias a partir dos temas fundamentais que pudessem responder aos objetivos propostos no estudo. Criamos dez categorias de análise para conhecermos cada grupo de pesquisa: 1) Funcionamento do Grupo. 2) Formação de pesquisadores na Área da Sexualidade e Educação Sexual. 3) Contribuição do Grupo para a sistematização dos saberes em sexualidade. 4) Importância do grupo em sua universidade. 5) Contribuições do grupo para a formação dos seus integrantes. 6) Percepção sobre os estudos atuais sobre Sexualidade e Educação Sexual no Brasil. 7) Relação entre os integrantes do Grupo. 8) Atuação junto aos cursos de Graduação e Pós-Graduação. 9) Divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Grupo. 10) Internacionalização. A análise feita possibilitou coletarmos dados e informações sobre a estrutura, funcionamento e realizações de cada grupo, permitindo que traçássemos seu percurso desde sua criação e verificássemos qual a situação atual, a produção acadêmico-científica e como ocorreu o processo de institucionalização desses grupos.

Palavras – chave: Sexualidade; educação sexual; conhecimento sexual; grupos de pesquisa; universidade; história da educação sexual no Brasil.

ABSTRACT

THE INSTITUTIONALIZATION OF SEXUAL KNOWLEDGE AS THEME FOR RESEARCH AND EDUCATION IN BRAZILIAN UNIVERSITIES AND THE WORK OF SOME RESEARCH GROUPS

Considering the limited availability of studies on the institutionalization of sexual knowledge in the university, we made this research aims to verify how UNESP and some Brazilian universities, as institutions of education and research, have made contributions to the field of sexual education from the action of groups search. The present work describes and analyzes the institutionalization of sexual knowledge and the consolidation of sexual education as a subject of research and training at some Brazilian universities and the role of research groups in this process. We interviewed coordinators and members of six groups of UNESP and six groups from other universities, and the responses were grouped into categories based on the fundamental issues that could meet the objectives proposed in the study. We created ten categories of analysis to know each research group: 1) Working Group. 2) Training of researchers in the area of Sexuality and Sexual Education. 3) Contribution to the systematization of knowledge on sexuality. 4) Importance of the group at his university. 5) Contributions to the development of students. 6) The perception of the current studies on sexuality and sexual education in Brazil. 7) Relationship between the members of the Group. 8) Work together with students of undergraduate and postgraduate courses. 9) Dissemination of research work undertaken by the Group. 10) Internationalization. The analysis enabled collect data and information on the structure, functioning and achievements of each group, allowing we showed its way since its inception and check the current situation, the academic and scientific production and how occurred the process of institutionalization of these groups.

Key - words: Sexuality, sexual education, sexual knowledge, research groups, university, history of sexual education in Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
SEXO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL A PARTIR DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SEXUAL DESENVOLVIMENTO.....	20
OBJETIVOS	28
METODOLOGIA.....	29
A COLETA DOS DADOS	32
OS GRUPOS DE PESQUISA DA UNESP VISTOS PELOS SEUS COORDENADORES E INTEGRANTES	42
OS GRUPOS DE PESQUISA EXTERNOS VISTOS PELOS SEUS COORDENADORES E INTEGRANTES	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXO - QUESTIONÁRIOS APLICADOS	104

INTRODUÇÃO

Autores que têm se dedicado aos estudos sobre a sexualidade, particularmente Foucault (1984, 1993, 2002), mas também Loyola (1998) e Ussel (1980), dentre outros, mostram que foi a partir do século XIX que a Medicina intensificou e oficializou o saber sexual com o surgimento da Sexologia e com o discurso médico-científico de profilaxia, classificação e estudo das doenças sexualmente transmissíveis e do comportamento sexual desviante. Tendo a moral religiosa reinante como coadjuvante, os médicos deram uma cientificidade a um estudo que até então era mais objeto da Igreja do que da própria Medicina. Ao ideal higiênico do século XVIII – preocupado com a profilaxia das cidades e as doenças em geral – acrescentou-se a preocupação com as famílias, com a intimidade dos lares e com questões da vida amorosa. Foucault (1984) diz que o termo sexualidade surgiu no século XIX e Ussel (1980, p. 23) explica que “o adjetivo sexual usado para diferenciar genitalmente o homem da mulher não existia no século XVIII” e a palavra sexualidade não aparece em nenhum texto da Antigüidade à Idade Moderna.

No entanto, quem nos mostra como são antigos os fenômenos e fatos de natureza moral e social relativos à sexualidade, ao comportamento sexual e à repressão, é a História, como analisa Chauí (1985, p. 11):

as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito ampliado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização).

O que a autora chama de estudo recente é justamente o século XIX, mencionado anteriormente, quando a consolidação da Medicina e da Psiquiatria no Ocidente leva os médicos a buscar compreender a etiologia das enfermidades mentais associando-as à práticas e comportamentos sexuais. É no século XIX que idéias, ainda que antagônicas, marcam a institucionalização do saber sexual e autores como Freud, Kraft-Ebing e Havellock Ellis colocam a sexualidade no centro das relações psicológicas e sociais, tornando o século XIX o século da Medicina Sexual.

Já o século XX foi o século da História da Sexualidade, ou melhor dizendo, foi a partir das primeiras décadas do século XX que a temática sexual passou a ser uma área importante da pesquisa histórica:

[Havia historiadores interessados] nos aspectos culturais que envolviam o sexo – rituais de namoro, direitos de iniciação sexual, tradições ligadas ao casamento, sanções religiosas, superstições, crenças... Antropólogos pioneiros, como Margaret Mead, descobriram importantes diferenças culturais na organização da vida sexual. [...] o sexo e a sexualidade eram considerados um domínio fixo da experiência humana, que era sujeito a diferentes formas de organização cultural. Estas formas de organização podiam ser comparadas com base no quanto reprimiam os instintos sexuais “naturais”. A importância destes estudos resulta de terem sugerido que determinadas práticas sexuais são específicas, cultural e historicamente (GARTON, 2009, p. 20).

São estudos que nos levam a compreender a sexualidade e a prática do sexo como frutos da cultura. Por sua vez, a institucionalização do estudo do sexo oficializa a sexologia como um campo científico, como uma área de conhecimento reconhecida, impulsionando o desenvolvimento de pesquisas e estudos específicos.

O conceito de sexualidade que norteia esta pesquisa é o de Ribeiro (2005, p. 17-18):

Entendo sexualidade como um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculado ao sexo ou à vida sexual. É um conceito amplo que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para a realização do desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a repressão. Em sua essência, a sexualidade é biológica, e tem como objetivo primordial – aqui no seu sentido de fonte, princípio, origem – a perpetuação da espécie. Mas o ser humano, com o uso da razão e das outras faculdades mentais, pôde ir além do impulso biológico e usar a manifestação da sexualidade para outros fins, mais precisamente, encontrou nela uma forma de dar e receber prazer, prazer este que vai ocorrer por intermédio do sistema nervoso central, é estimulado por sentimentos e fantasias sexuais e é decorrente de uma resposta sexual a um dado estímulo que é plantado em sua mente.

A educação sexual, por sua vez, consiste na

educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso, com a mídia, educação. Essa educação é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais que envolvem a aquisição de normas, regras e valores sobre o sexo. (RIBEIRO, 2005, p. 36-37)

Temos, então, o seguinte contexto para esta investigação:

Ao longo de sua vida os indivíduos vão construindo a percepção, as atitudes e os valores que têm sobre sexualidade a partir da educação sexual recebida desde o nascimento, que por sua vez é totalmente influenciada pela cultura. Em um determinado momento da História as questões sobre sexualidade e a educação sexual passam a interessar as Ciências, constituem temas de estudos e pesquisas e, conseqüentemente, são institucionalizadas, ou seja, passam a fazer parte oficialmente das estruturas científicas, culturais e sociais legalmente constituídas e reconhecidas. A universidade é um desses espaços em que os saberes se tornam institucionalizados. Portanto, conhecer como universidades brasileiras têm investigado, estudado e difundido temas ligados à Sexualidade e à Educação Sexual é passo importante e relevante

para compreendermos o processo de valorização e reconhecimento científico dos estudos do sexo.

Trabalhos recentes como os de Ribeiro (2002, 2004, 2005) têm abordado os momentos históricos e a educação sexual¹ no Brasil, mas como salienta o próprio Ribeiro (2005, p. 2), da Colônia “até nossos dias temos quinhentos anos de história, mas a história da educação sexual carece de estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância”. Desta forma, as relações e influências religiosas sob esse campo temático elucidam questões pertinentes que necessitam ser observadas ou até mesmo revistas para que se possa entender a difusão de conceitos, opiniões e valores que influenciaram não apenas conceitos, mas comportamentos e atitudes das gerações posteriores. Entendemos, então, que é basicamente em torno da dimensão sexual que se produz a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação. O pensamento sexual brasileiro² foi gestado nesses traços que se constituíram durante o período colonial, nas relações primárias que se estabeleceram na “infância” do Brasil, quando chegaram os primeiros conquistadores, e foi se moldando durante o Império até o advento da moral médica do século XIX.

¹ Outra definição de educação sexual é: “Educação sexual refere-se aos processos culturais contínuos, desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria evolução da sociedade determinando os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual que será levada ao indivíduo”. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: E.P.U., 1990, p. 2-3.

² Refere-se à forma de pensar e articular a sexualidade e o sexo na cultura brasileira ao longo de sua história, sendo decorrente de uma construção social influenciada por valores e concepções a ela vinculados.

Não é o caso, nesta pesquisa, de percorrer a história pregressa do Brasil apontando os hábitos, comportamentos e atitudes ligados à sexualidade, o que daria outro rumo ao que é pretendido com a especificidade do objetivo central do projeto. O recuo histórico necessário pára no século XIX, porque a sexologia³ enquanto modalidade médica surgiu aí, e deu à sexualidade o estatus de ciência, se consolidando também no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX. Para este período, autores como Carrara (1997), Schwarcz (2000), Boarini (2003), Loyola (1998) e Machado et al (1978) poderão dar contribuições importantes. Ribeiro (2004) explica que a educação sexual no Brasil poderia ser dividida em seis momentos: I - a Colônia (com os jesuítas e a Inquisição); II - o Império e a moral médica; III - o início da República, a sexologia e as primeiras propostas de educação sexual; IV - a década de 1960 e a educação sexual nas escolas pioneiras; V - a década de 1980 e os projetos oficiais de orientação sexual nas escolas; e VI - o momento atual, pós PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ribeiro (2005) ainda explica que

a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil ocorreu a partir do final do século XIX e principalmente nas primeiras décadas do século XX, quando médicos e, posteriormente educadores, elaboraram, desenvolveram ou se apropriaram de teorias e idéias que foram consideradas científicas e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso oficial para atingir seus objetivos de fazer ciência,

³ Sexologia é a área do conhecimento que trata do comportamento sexual, tendo surgido no século XIX. Para Valensin (1976, p. 270) é a “ciência do sexo”. De atuação interdisciplinar, “baseia-se na psicologia, psiquiatria, na psicanálise, na ginecologia, na urologia, na endocrinologia. Assentada em bases sólidas e objetivas, a sexologia está chamada a prestar imensos serviços em todas as deficiências ou desvios sexuais e a contribuir para a felicidade humana”, também lidando com questões mais amplas, como o conceito de saúde sexual, saúde pública e controle de natalidade.

propor ações educacionais ou práticas pedagógicas e resolver problemas de saúde pública, em alguns casos para justificar ideologias e exercer o poder. É a partir deste período que questões ligadas à sexualidade começaram a ter lugar importante no discurso médico-educacional.

Porém, não encontramos estudos sobre a institucionalização do saber sexual na universidade nem no passado nem no momento atual, o que nos inspirou a realizar esta investigação nos voltando para o momento atual, para a UNESP e para universidades brasileiras enquanto instituições de ensino e pesquisa que têm dado contribuições ao campo da Educação Sexual por meio da atuação de grupos de pesquisa. Pretendemos descrever e analisar a institucionalização do conhecimento sexual e a consolidação da educação sexual enquanto tema de investigação e ensino em algumas universidades brasileiras e qual o papel, neste processo, dos grupos de pesquisa mencionados.

Estudos sobre a institucionalização de outros campos do saber foram encontrados em nossa pesquisa bibliográfica, particularmente aqueles que se relacionam à historiografia, geralmente ligados à Psicologia ou à Psiquiatria, mas também não se referem aos grupos de investigação.

No Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Dias Duarte e Jane Araújo Russo coordenaram uma importante pesquisa intitulada *Institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil (Rio de Janeiro): uma contribuição à Antropologia da pessoa ocidental moderna*, descrita como um projeto que,

iniciado em 1995, visa fazer um levantamento de dados históricos e etnográficos sobre a institucionalização dos saberes da psicologia, Psiquiatria e Psicanálise na área cultural do Rio de Janeiro, propiciando a organização de um corpus documental e analítico de referência para o desenvolvimento

de pesquisas concatenadas sobre o desenvolvimento das formas psicologizadas da pessoa ocidental moderna. Visa ainda constituir o núcleo de uma rede institucional que permita manter viva a tradição de pesquisas articuladas na interface entre a antropologia social e os saberes psicológicos no Rio de Janeiro, pela constituição de arquivos e sistemas de referência centralizados e universalizados (DUARTE; RUSSO, 1998, p. 157).

Também foram encontrados os seguintes estudos: a) sobre a institucionalização da Psicologia enquanto campo de conhecimento que foi consolidado no Brasil a partir da criação dos Laboratórios Experimentais de Psicologia nas Escolas Normais e nos hospitais psiquiátricos nas primeiras décadas do século XX (RIBEIRO, 1997); b) sobre a ideologia médico-higiênica influenciando a institucionalização da psicologia e da psiquiatria da infância nas primeiras décadas do século XX (RIBEIRO, 2003); sobre a trajetória das ações da psiquiatria e da psicologia da infância no período compreendido entre a Segunda Guerra Mundial aos nossos dias (RIBEIRO, 2006).

Especificamente sobre a institucionalização dos saberes sobre sexualidade temos os textos de Carrara (1997); Carrara; Russo (2002); Reis; Ribeiro (2004) e Ribeiro (2009) que traçam um panorama a respeito de como a Medicina e a Educação consolidaram a Sexologia e a Educação Sexual no Brasil, mas trata-se de pesquisas que abarcam um período anterior à existência dos grupos de pesquisa. Loyola (1998) e Heilborn (1999) são bons exemplos de estudos sobre a inserção do conhecimento sexual nas ciências humanas, no entanto são textos que estão muito mais próximos do campo da história das idéias, que segundo a definição de Tobias (1987, p. 11) se volta para ordenar as idéias umas com as outras

estabelecendo nexos e causalidades entre elas, de maneira que retratem na mente e no papel o que foram no passado,

quando fizeram a História [...] A História das Idéias [...] tenta, pois, desvendar e aprofundar a compreensão da História [...]. Seu papel é narrar, é historiar, ainda que seja sistemas e idéias filosóficos.

Ou seja, se por um lado temos referências sobre a institucionalização dos saberes em geral e sobre a construção do conhecimento sexual, por outro sentimos falta de uma literatura sobre os grupos de pesquisa e a ação dos mesmos nas universidades.

Vale ressaltar que a pesquisa em questão é sobre a institucionalização do conhecimento sexual na universidade a partir da ação de grupos de pesquisa porque consideramos que estes têm contribuições importantes para o ensino, a pesquisa e a extensão universitária, possibilitando a consolidação e fortalecimento de várias áreas do conhecimento. Sexualidade e Educação Sexual, neste projeto, se configuram como um campo de investigação, estudo e intervenção, e não apenas um conceito difundido e apropriado por grupos, instituições, educadores ou cientistas.

Um grupo de pesquisa se define como um

conjunto de indivíduos organizados em torno de um ou mais objetos de estudo. A liderança do grupo ocorre geralmente por um pesquisador, com titulação preferencialmente de doutor e pela existência de 1 (um) ou mais estudante(s) de graduação, pós-graduação ou técnico(s) de nível superior alocado(s) ao grupo, no qual: a) há envolvimento profissional e permanente com atividade de pesquisa; b) o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa e c) que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos (COELHO, 2007).

Autores como Miorin (2006) e Marafon (2006) apontam que a institucionalização dos grupos de investigação (que inclui o reconhecimento pelas universidades e órgãos de fomento, a realização de sensos pelo CNPq, e

a atualização e ampliação dos grupos no Brasil) contribui para a consolidação da pesquisa e para a formação de inúmeros pesquisadores.

Yázigi (2005) fala na importância da criatividade para o avanço do conhecimento científico e como os grupos de pesquisa podem contribuir para que os alunos e professores pesquisadores desenvolvam essa habilidade da criatividade, tenham a reflexão como coadjuvante na pesquisa e desenvolvam a capacidade de questionar paradigmas. Destaca também que os grupos de pesquisa têm papel primordial para o surgimento de outros olhares para a ciência e para o surgimento de novas idéias.

Consideramos natural buscar compreender a trajetória dos grupos de pesquisa na área em que atuamos e se e como estes grupos têm contribuído para a institucionalização do saber sexual e para a formação de novos pesquisadores no campo da sexualidade e da educação sexual.

Ao analisar a produtividade destes grupos, conheceremos quais os assuntos que estão sendo estudados, os temas que são objeto de investigação, os resultados das pesquisas, como ocorre sua divulgação no meio acadêmico e sua apropriação pelos cursos de graduação e pós-graduação envolvidos.

Nunes e Silva já afirmavam há mais de dez anos que há poucos estudos sobre a institucionalização dos saberes sobre sexualidade e educação sexual, destacando que o Brasil não possui uma historiografia da educação sexual (NUNES; SILVA, 1999). De lá para cá, avançamos com alguns estudos pontuais de Carrara (1997), Carrara; Russo (2002), Ribeiro (2004) e Reis; Ribeiro (2004), mas de forma geral a construção desta historiografia ainda é incipiente. Nesse sentido, não foram encontradas referências na pesquisa

preliminar realizada por meio das plataformas Google e Cadê, tampouco no banco de dissertações e teses da CAPES que são específicas sobre a participação dos grupos de pesquisa na sistematização dos saberes em sexualidade.

Este projeto se justifica uma vez que há existência de um número significativo de grupos de pesquisa cadastrados no CNPq que tem como tema Sexualidade e Educação Sexual, os quais se vinculam a universidades e a Programas de Pós-Graduação, embora não haja registros mais extensos sobre esses grupos. Além disso, verificar como grupos de pesquisa têm participado do processo de institucionalização de saberes específicos junto aos cursos e universidades com quem tenham vinculação, é importante porque pode determinar em que medida os grupos contribuem para a formação dos alunos, para a produção do conhecimento e na extensão à comunidade, que são os pilares em que se sustenta a universidade pública brasileira.

Esta pesquisa, portanto, pretende fornecer subsídios para analisarmos o potencial da UNESP no campo da Sexualidade e da Educação Sexual, contribuir para o desenvolvimento da historiografia da Educação Sexual e verificar como está sendo a participação de alguns grupos de pesquisa na consolidação, em universidades brasileiras, de uma área específica do conhecimento.

SEXO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL A PARTIR DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SEXUAL

A História da Sexualidade no Brasil começa com os índios e é documentada já na Colônia. Com a vinda do português e com os primeiros contatos entre duas culturas tão distintas, inicia-se uma troca de conhecimentos, valores, práticas, crenças que, ao longo dos séculos dá o formato ou configura aquilo que Parker (1991) chamou de cultura sexual brasileira.

A carta de Pero Vaz de Caminha é o primeiro documento escrito sobre o Brasil mas, não só isso. É também um documento que registra os costumes sexuais observados pelos portugueses, um documento sobre a sexualidade nas terras recém descobertas que é facilmente constatado quando são descritas a nudez das índias e a surpresa dos descobridores ante os costumes observados, sendo interessante destacar a comparação feita a partir de então entre a Terra de Santa Cruz e o Paraíso bíblico do Gênesis.

Vários documentos do Brasil Colônia descreveram os costumes e as práticas sexuais então correntes, assim como as condutas adotadas e os valores propostos pela Igreja Católica. Hans Staden (1999), Jean de Léry (1980) e Gabriel Soares de Souza (1971) são os cronistas que cruzaram o sertão e falaram sobre a sexualidade da *Terra Brasilis*.

Manoel da Nóbrega é o jesuíta que escreveu vinte e seis cartas para missivistas em Portugal cujo conteúdo versava igualmente sobre as práticas sexuais correntes no Brasil e que eram consideradas destoantes e contrárias às normas da Igreja (SCALIA, 2009).

Em uma delas, fala que

[...] a gente da terra [os portugueses] vive toda em pecado mortal, e não há nenhum que deixe de ter muitas negras [índias], das quais estão cheios de filhos, e é grande mal. Nenhum deles se veio confessar ainda... (LEITE, 1955, p. 19).

Em outra, diz que

nesta terra há um grande pecado, que é terem os homens, quase todos, suas negras [índias] por mancebas, e outras livres que pedem aos negros [índios] por mulheres, segundo o costume da terra que é terem muitas mulheres.(LEITE, 1955, p. 29-30).

As cartas registram queixas sobre a dificuldade da catequese devido à sexualidade exacerbada, com poligamia, nudez, não aceitação das repreensões dos padres.

Também os documentos da Inquisição forneceram descrição detalhada das práticas sexuais na Colônia. O Santo Ofício esteve presente no Brasil colonial na forma de Visitas Inquisitoriais, e o padre responsável pelos processos era chamado de visitador, que por sua vez era vinculado a um Tribunal. No caso brasileiro, o Tribunal do Santo Ofício iniciou suas atividades em 1579, e as visitas inquisitoriais partiram do Tribunal de Lisboa, sendo que recebemos três Visitas: a **primeira** em 1591/1595 (visitador: Heitor Furtado de Mendonça nas capitanias da Bahia e Pernambuco); a **segunda**, em 1618/1620 (visitador: Marcos Teixeira, na Bahia); e a **última** visita em 1763/1769 (visitador Geraldo José de Abranches, no Grão-Pará e Maranhão). Essas visitas proporcionaram uma vasta documentação: livros de denúncias, de confissões e de ratificações, que

sendo analisadas, catalogadas e organizadas fornecem informações sobre o cotidiano da sociedade colonial, e neste contexto, há muitas anotações sobre as atitudes e comportamentos sexuais. Existia, é claro, uma ortodoxia católica, ou seja, regras e normas da Igreja que deveriam ser aceitas e seguidas. O estudo desses documentos mostra como a sociedade colonial assimilava as determinações católicas; esclarecem quais as práticas e valores sexuais correntes; e apontam como foi forjada a cultura sexual brasileira.

Um escrivão acompanhava o visitador quando o mesmo percorria as localidades, e registrava tudo que era informado a partir de uma série de quesitos de interrogatórios (heresias, blasfêmias, bigamia, crime de solicitação, sacrilégio, vinganças, incesto, bestialidade, etc.) e o povo era conclamado a não só confessar seus pecados mas também a delatar amigos, vizinhos e até parentes.

Estes elementos são constitutivos da primeira forma de educação sexual no Brasil, e os documentos da Colônia seu primeiro registro.

No entanto, não obstante a existência de vasta documentação sobre costumes na Colônia e até no Império, a sexualidade só adquirirá o *status* de objeto da ciência nas primeiras décadas do século XX, ainda que iniciada na segunda metade do século anterior. Aliás, a própria ciência surge no Brasil apenas no século XIX, com a vinda da família real portuguesa.

Como explica Schwarcz (2000, p. 23-24),

a montagem de uma rede de instituições de saber estável no Brasil é bastante recente. Controlado pelos jesuítas, o ensino na Colônia Portuguesa limitava-se às escolas elementares, não existiam centros de pesquisa ou de formação superior. [...]Sem entrar no mérito das medidas implementadas por D. João VI, o certo é que, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, inicia-se propriamente uma história institucional local. Data dessa época a instalação dos primeiros estabelecimentos de caráter cultural...

Faculdades e museus, associações e institutos até então inexistentes, são criados e vão constituir o alicerce da ciência e da pesquisa nacionais. Como escreveu Fernando Azevedo, o Brasil abandonava o “diletantismo e a improvisação” (AZEVEDO, 1956, p. 367) para entrar na era do profissionalismo científico. É a era do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do Museu Paraense “Emílio Goeldi”, do Museu Paulista, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Faculdade de Medicina da Bahia e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

No caso específico da Sexualidade, as primeiras pesquisas científicas foram oriundas da Europa, com Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) e Havelock Ellis (1859-1939). Posteriormente, Sigmund Freud (1856-1939) elaborou sua teoria psicanalítica com base na sexualidade e no desenvolvimento sexual. Estes autores tiveram suas obras largamente divulgadas no Brasil e, a partir deles, já no início do século XX, muitos cientistas, médicos e educadores brasileiros iniciaram estudos e pesquisas cujos temas versavam sobre sexualidade e educação sexual.

Para Ribeiro (2009, p. 132), no final do século XIX, a Medicina

institucionalizou o saber sexual criando a Sexologia e estudando os desvios sexuais e as doenças que teriam sua etiologia nas práticas sexuais consideradas inadequadas ou fora da norma. Era uma Medicina que lidava com a definição, a identificação, a classificação e o tratamento dos aspectos patológicos da sexualidade.

E Loyola (1998, p. 46) diz que

os antropólogos chamaram a atenção para o fato de que a sexualidade constitui o pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade e que, portanto, está sujeita a normas; normas que podem variar de uma sociedade para outra, mas que constituem um fato universalmente observável, sendo o tabu do incesto a mais básica e fundamental de

todas. Assim, a sexualidade deriva do que é proibido e permitido, de modo com que, pelo viés da reprodução biológica da espécie, ela participa da criação da ordem social.

São dois contextos que se completam para a compreensão de como o conhecimento sexual tornou-se objeto da Ciência, consolidando-se e difundindo-se por meio de obras e estudos oficiais.

Ribeiro (2009, p. 131) entende que

a institucionalização do conhecimento sexual ocorreu quando os médicos elaboraram, desenvolveram e se apropriaram de teorias e idéias que foram consideradas “científicas” e capazes de dar a sustentação que necessitavam para o seu discurso sexual normatizador, e quando as várias vertentes das Ciências Humanas passaram a considerar o estudo das atitudes e comportamentos sexuais como área merecedora de reflexões e proposição de teorias. Esta institucionalização possibilitou o surgimento de várias obras que versavam sobre comportamento sexual e educação sexual.

Autores como Carrara (1997), Carrara; Russo (2002), Ribeiro (2004) e Reis; Ribeiro (2004) realizaram estudos sobre a historiografia da educação sexual no Brasil e verificaram que as primeiras décadas do século XX constituem o período em que a sexualidade e a educação sexual se destacam como campo do saber e o número de títulos publicados é muito grande.

As obras do período compreendido entre as décadas de 1930-50 com certeza influenciaram educadores e médicos que se formavam, que por sua vez formariam novos professores e novos médicos, em uma corrente seqüencialmente cronológica até a década de 1960. Talvez possamos considerar este período como o momento em que o conhecimento sexual foi gestado e amadurecido para ser posto em prática nos anos 60.

Em 1933 é criado no Rio de Janeiro o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), por iniciativa do médico José de Albuquerque. O CBES e o

pioneirismo de Albuquerque foram responsáveis pela difusão da educação sexual, e teve o mérito de debater temas sexuais em ambientes públicos, em meios de comunicação, em eventos científicos e culturais e na imprensa, além de fomentar a publicação de diferentes obras.

Até então, nenhuma instituição havia investido tanto na educação sexual, e mesmo com a quantidade de obras e autores versando sobre o tema, nenhum atingiu a diversidade de José de Albuquerque.

Vidal (1998) e Reis; Ribeiro (2004) verificaram que o CBES foi responsável pela edição do Boletim de Educação Sexual entre setembro de 1933 e outubro de 1939, num total de 47 números; pela realização da I Semana de Educação Sexual, em 1934, no Rio de Janeiro, e da Semana Paulista de Educação Sexual, em 1935, em São Paulo; pelo oferecimento de palestras públicas; e pela publicação de folhetos com temas sexuais distribuídos para a população.

Ousado e pioneiro, José de Albuquerque defendia o divórcio, considerando o desquite preconceituoso e prejudicial à mulher; foi o autor da letra do Hino à Educação Sexual, gravado pela RCA Victor com música do famoso maestro Assis Republicano; instituiu o Dia do Sexo, comemorado pela primeira vez em 20 de novembro de 1935⁴.

Como explicam Reis; Ribeiro (2004, p. 35), o CBES

foi uma instituição com penetração nos mais importantes círculos intelectuais e políticos brasileiros dos anos 30, e contrariamente à idéia de repressão sexual vigente no período, resquício do vitorianismo, pôde difundir seu trabalho de orientar a população nas questões de sexualidade de forma eficaz.

⁴ Atualmente essa data já caiu no esquecimento.

Vale a pena lembrar de José de Albuquerque e do CBES porque durante três décadas esta associação e seu criador foram mentores de todo um trabalho de educação sexual e de sua propagação e valorização nos ambientes social e escolar, de onde destacamos uma duradoura e atual opinião, quando ele diz que

não há educação completa sem educação sexual, e mostra-se um ardoroso e enfático defensor de sua aplicação, apelando para um discurso insistente em que os aspectos positivos da educação sexual são ressaltados, [...] e alerta o quanto sua falta é prejudicial e danosa aos indivíduos (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 38).

Sem contar com a frustrada tentativa de Victor Stawiarsky, que foi demitido do Colégio Batista, no Rio de Janeiro, em 1930 por tentar incluir educação sexual no currículo dessa escola, as primeiras tentativas concretas e bem sucedidas de implantação da educação sexual nas escolas ocorreram nos anos sessenta em escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, descritas por Werebe (1977), Barroso; Bruschini (1982), Ribeiro (1990), Guimarães (1995), Figueiró (1995) e Gallacho (1995):

Foram implantados programas de orientação sexual em Belo Horizonte, em 1963, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco; no Rio de Janeiro, em 1964, no Colégio Pedro Alcântara, e em 1968, nos Colégios Infante Dom Henrique, Orlando Rouças, André Maurois e José Bonifácio; e em São Paulo, no Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, de 1963 a 1969, nos Ginásios Vocacionais, de 1961 a 1969, e no Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental, de 1966 a 1969 (RIBEIRO, 2004, p. 19-20).

No entanto, com o Golpe de Estado de 1964, há o recrudescimento da censura, a moral e os bons costumes passam a fazer parte da *ordem do dia*, liberdades sexuais são associadas ao comunismo e, como analisam Barroso; Bruschini (1982, p. 23), “houve um retrocesso em matéria de educação sexual que acompanhou a onda de puritanismo que invadiu o país”.

Por quinze anos a educação sexual ficou estagnada. Se havíamos conquistado um ambiente propício e favorável para o trabalho com sexualidade, preparado paulatinamente desde a década de 1920, tudo cai por terra com o advento do Golpe de 1964. A interrupção abrupta boicotou a continuidade de um trabalho que havia levado pelo menos 40 anos para ser consolidado.

Nem com a abertura política do General Ernesto Geisel, a partir de 1978, que possibilitou que a educação sexual voltasse à tona nos projetos oficiais da Prefeitura Municipal de São Paulo (1978-1982) e da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1980-1986), foi possível resgatar o trabalho iniciado, e a educação sexual já estava sem a força e a experiência alcançadas na década de 60.

Sofremos hoje os efeitos desta interrupção, tanto que mesmo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e o reconhecimento oficial por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da importância e necessidade da orientação sexual escolar, o país ainda engatinha na área.

Compensamos, no entanto, o atraso na implantação da educação sexual na escola, com o intenso, sério e produtivo trabalho de pesquisa realizado nas universidades, por meio de estudos e projetos de investigação desenvolvidos nos Grupos de Pesquisa, que hoje são bastante ativos, participativos e produtivos.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Descrever, organizar e sistematizar a história de grupos de pesquisa de algumas universidades brasileiras que atuam na área da Sexualidade e da Educação Sexual e analisar seu papel na institucionalização do conhecimento sexual e no esforço para a consolidação da educação sexual enquanto tema de pesquisa, ensino e extensão na universidade.

Objetivos específicos:

1. Mapear e escrever sobre a participação da UNESP na história da institucionalização dos saberes sexuais contemporâneos.
2. Descrever e analisar a inserção de grupos de pesquisa no ensino de graduação e quais suas contribuições para a formação dos alunos dos cursos aos quais tenham vinculação.
3. Descrever e analisar a inserção destes grupos no ensino de pós-graduação e quais suas contribuições para o fortalecimento dos Programas de Pós-Graduação com os quais tenham vinculação.
4. Descrever e analisar a inserção dos grupos de pesquisa na comunidade e na extensão-universitária.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e é caracterizada como uma pesquisa descritiva, pois não tem a intenção de interferir na realidade, mas apenas buscar o conhecimento de modo empírico sobre o fenômeno para posteriormente descrever, classificar e interpretar, como explica alguns autores, como Campos, 2000; Cozby, 2003; Rudio, 2001; e Spata, 2005. É o tipo de pesquisa que facilita a presente investigação porque o estudo descritivo parte de pessoas e/ou grupos para chegar aos dados e análises que possam elucidar o fenômeno que se pretende estudar, neste caso a inserção de grupos de pesquisa no processo de ensino, pesquisa e extensão da universidade e sua participação na consolidação de um saber específico.

O tipo de pesquisa descritiva que optamos é a Pesquisa de Levantamento, que, como explica Cozby (2003, p. 143) emprega “questionários e entrevistas, com o objetivo de solicitar às pessoas informações sobre si mesmas [...] e outros fatores” e, conseqüentemente, nos possibilitará ampliar o conhecimento sobre o fenômeno estudado por meio do levantamento de informações oriundas dos relatos de pessoas, no caso os coordenadores e integrantes dos grupos de pesquisa.

A coleta de dados foi feita por meio de um questionário respondidos pelos sujeitos, sendo eles os líderes dos grupos de pesquisa e mais três integrantes de cada grupo, sendo um aluno de graduação e dois de pós-graduação (um de mestrado e outro de doutorado, quando o grupo possuir

alunos de doutorado). A amostra é pequena por se tratar de uma pesquisa qualitativa-descritiva sem pretensões de generalização.

O questionário proposto foi anexado ao final da dissertação, e a apresentação, análise e interpretação dos resultados foram feitas por etapas. As respostas foram agrupadas em categorias a partir dos temas fundamentais que pudessem responder aos objetivos propostos no estudo. O procedimento de análise refere-se à análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, que explica que a mesma consiste em

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Os dados coletados foram agrupados em categorias de análise, objetivando a sistematização das informações obtidas em cada uma delas. Considerando a necessidade de interpretação para analisar os conteúdos das falas dos sujeitos, a utilização das categorias é a melhor forma de análise, pois como diz Romeu Gomes, elas se referem

[...] a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à idéia de classe ou série. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. (GOMES, 1994, p. 70).

A técnica de análise de conteúdo escolhida foi a análise temática, que consiste na identificação de temas que, pela freqüência com que aparecem, facilitam a sistematização e a organização dos elementos importantes para a categorização dos dados. O tema é

uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem lingüística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema, tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições). Enfim, qualquer fragmento pode reenviar (e reenvia geralmente) para diversos temas... (D'UNRUG, *apud* BARDIN, 1977, p.105).

Como unidade de registro, o tema evidencia “[...] motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc” (BARDIN, 1977, p. 106). O tratamento dos resultados obtidos e interpretados dará significado aos resultados, permitindo ao pesquisador fazer inferências, ou seja, deduções de forma lógica, que possibilitem conhecimentos sobre as falas manifestas nos questionários e o contexto em que as mesmas ocorreram. As **unidades de registro** envolvem a “menor parte do conteúdo” e, agrupadas, configuraram as categorias.

Além dos questionários, também fizemos uma análise descritiva dos projetos concluídos e em andamento, das publicações, dos trabalhos apresentados em eventos e das dissertações e teses orientadas e defendidas e em andamento, que ajudaram a verificar a produtividade dos grupos.

A partir da análise dos dados, a etapa da discussão evidenciou as possíveis contribuições das informações obtidas e possibilitaram descrever aquilo que se pretendia atingir com os objetivos.

A operacionalização do projeto está descrita na seção seguinte.

A COLETA DOS DADOS

Para chegarmos aos grupos de pesquisa investigados, buscamos a Plataforma Lattes, do CNPq, cujo tópico Busca Textual possibilita encontrar pesquisadores e seus respectivos currículos a partir de palavras-chave relacionadas aos diversos campos de estudo. A palavra-chave utilizada foi *Sexualidade e educação sexual*, com a qual identificamos um total de 2106 pesquisadores cujos currículos os apresentavam como atuantes na área em questão com uma classificação percentual que apontava desde 100% até 10% a produção vinculada ao assunto *Sexualidade e educação sexual*. Deste universo, selecionamos todos os pesquisadores com *score*⁵ de mais de 60% da produção atrelada ao assunto desta pesquisa, o que nos deixou com um total de 197 currículos para serem analisados, objetivando encontrar, por meio deles, os grupos de pesquisa aos quais estes pesquisadores pertenciam.

O procedimento adotado foi primeiramente identificar quais pesquisadores estavam vinculados a grupos de pesquisa, e destes, quais grupos eram específicos do campo da Sexualidade e da Educação Sexual, conforme é descrito no quadro abaixo.

QUADRO 1

NÃO PARTICIPAM DE GRUPO DE PESQUISA	PARTICIPAM DE GRUPOS DE PESQUISA EM OUTRA ÁREA	PARTICIPAM DE GRUPOS DE PESQUISA NA ÁREA DA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL
57	98	42

Participação dos Pesquisadores nos Grupos de Pesquisa

⁵ Para o CNPq, *score* é o indicador de freqüência relativa dos termos de busca sobre os currículos encontrados. No caso, a freqüência se refere ao assunto Sexualidade e Educação Sexual, e a consulta ao banco de dados do CNPq ocorreu em outubro de 2009.

A partir dos quarenta e dois pesquisadores que participam de grupos na área da Sexualidade e Educação Sexual, identificamos vinte e um grupos de pesquisa, descritos no quadro abaixo.

QUADRO 2

NOME DOS GRUPOS DE PESQUISA	VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL	UNIDADE DA FEDERAÇÃO
EDUSEX Grupo de Estudos em Educação Sexual	UDESC	SC
NUSEX Núcleo de Estudos da Sexualidade	UNESP Araraquara	SP
CIPESS	UEL	PR
GESEXs	UNESP Rio Claro	SP
GPESEC	UNESP Bauru	SP
GESE	FURG	RS
NUDISEX	UEM	PR
GPESS	UNESP Marília	SP
Sexualidade & Vida	USP	SP
GEPS	UNESP Assis	SP
Sexualidade, Meio Ambiente e Educação	UFPB	PB
GEISH	UNICAMP	SP
NUDISE	UNESP Presidente Prudente	SP
Sexualidade, Gênero, Etnia e Educação	UEMG	MG
NUGSEX Diadorim	UNEB	BA
Gênero, Sexualidade e Saúde	UERJ	RJ
Núcleo de Estudos de Sexualidade e Educação	Universidade Mackenzie	SP
Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade	UFLA	MG
FAGES	UFPE	PE
Gênero, Corpo e Sexualidade	UFRN	RN
CAESOS Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual	USP	SP

Grupos de Pesquisa na Área de Sexualidade e Educação Sexual

Entramos em contato com os respectivos coordenadores, por meio de mensagem enviada por e-mail, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando que os mesmos respondessem a um questionário e o encaminhassem também para três de seus integrantes. No entanto, apenas treze confirmaram o recebimento do contato e doze devolveram o questionário preenchido.

QUADRO 3

NOME DOS GRUPOS DE PESQUISA	VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL
NUSEX Núcleo de Estudos da Sexualidade	UNESP – Araraquara
CIPESS	UEL – Londrina
GESEXs	UNESP – Rio Claro
GPESEC	UNESP – Bauru
GESE	FURG – Rio Grande
NUDISEX	UEM – Maringá
GPESS	UNESP – Marília
Sexualidade & Vida	USP – Ribeirão Preto
GEPS	UNESP – Assis
NUDISE	UNESP – Presidente Prudente
EDUSEX Grupo de Estudos em Educação Sexual	UDESC – Florianópolis
CAESOS Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência	USP – Ribeirão Preto

Grupos de Pesquisa que responderam ao questionário

Para efeitos de análise, dividimos os grupos de pesquisa em grupos de pesquisa pertencentes a UNESP e grupos de pesquisa externos, como explicam os Quadros 4 e 5.

QUADRO 4

GRUPOS DE PESQUISA DA UNESP
NUSEX Núcleo de Estudos da Sexualidade
GEPS Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades
GESEXs Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Sexualidades
GPESEC Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura”
GPESS Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidades
NUDISE Núcleo de Diversidade e Educação

QUADRO 5

GRUPOS DE PESQUISA EXTERNOS
CIPESS Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade
EDUSEX Grupo de Estudos em Formação de Educadores e Educação Sexual
GESE Grupo de Pesquisa “Sexualidade e Escola”
NUDISEX Núcleo de Estudos sobre Diversidade e Sexualidade
Sexualidade & Vida
CAESOS Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência

Chegamos, então, após estes procedimentos, ao total de grupos que foram objeto de análise desta pesquisa e que forneceram os dados e informações que possibilitaram atingir os objetivos propostos: o estudo foi realizado com seis grupos da UNESP (*campi* de Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente e Rio Claro) e seis grupos externos a UNESP, estes últimos provenientes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade de São Paulo (USP).

Os questionários elaborados foram encaminhados para os 12 coordenadores que os responderam e encaminharam cópias para integrantes de seus grupos em um total de 22 questionários.

A partir das respostas, levantamos os dados informativos para conhecermos as características dos grupos de pesquisa e criamos as categorias e sub-categorias de análise (Bardin, 1977), tudo apontado nos quadros abaixo.

QUADRO 6

GRUPOS DA UNESP	TEMPO DE CRIAÇÃO DO GRUPO (em anos)	GRUPOS EXTERNOS	TEMPO DE CRIAÇÃO DO GRUPO (em anos)
NUSEX	10	CIPESS	05
GEPS	09	EDUSEX	06
GESEXs	07	GESE	09
GPESEC	04	NUDISEX	01
GPESS	13	Sexualidade & Vida	20
NUDISE	07	CAESOS	30

Tempo de Criação dos Grupos de Pesquisa

O tempo de criação dos grupos de pesquisa estudados varia de um a trinta anos, sendo o NUDISEX, da Universidade Estadual de Maringá, o mais novo de todos, com apenas um ano de existência, e o CAESOS, da Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto) o mais antigo, com trinta anos. Dentre os grupos da UNESP, o mais antigo é o GPESS, da Faculdade de Filosofia e Ciências, do *campus* de Marília, e o mais novo é o GEPESEC, da Faculdade de Ciências do *campus* de Bauru.

QUADRO 7

QUALIFICAÇÃO DOS INTEGRANTES	NUSEX	GEPES	GESEXs	GEPESEC	GPESS	NUDISE
Pós-Doutorado	03	02	01	02	-	02
Pós-Doutorando	02	-	-	-	-	-
Doutorado	12	02	02	01	03	-
Doutorando	01	01	-	-	-	-
Mestrado	06	-	03	03	01	03
Mestrando	01	01	05	06	-	-
Graduado	-	-	-	-	-	05
Graduando	03	20	12	-	06	04
Especialista	01	-	-	-	06	-
Especializando	-	-	-	-	-	-

Qualificação dos Integrantes dos Grupos da UNESP

Os integrantes dos grupos de pesquisa da UNESP vão desde aqueles que fazem a Iniciação Científica ainda na graduação até professores com pós-doutorado, com exceção de um, cuja titulação máxima verificada é o doutorado. Um dos grupos de pesquisa, o NUSEX, da Faculdade de Ciências e

Letras, *campus* de Araraquara, oferece regularmente estágios de pós-doutorado.

QUADRO 8

QUALIFICAÇÃO DOS INTEGRANTES	CIPESS	NUDISEX	GESE	EDUSEX	Sexualidade & Vida	CAESOS
Pós-Doutorado	-	-	-	-	01	03
Pós-Doutorando	-	01	-	01	-	-
Doutorado	01	-	02	02	04	05
Doutorando	02	-	08	-	02	05
Mestrado	05	03	09	08	06	02
Mestrando	02	02	05	03	02	03
Graduado	03	08	-	-	-	05
Graduando	-	12	06	05	-	01
Especialista	03	-	-	-	-	-
Especializando	-	-	-	-	-	-

Qualificação dos Integrantes dos Grupos Externos

Nos grupos externos, embora também tenha sido verificado a existência de pesquisadores em todos os níveis, assinalamos que apenas um tem pesquisador com pós-doutorado realizado.

Também examinamos a regularidade da produção destes grupos de pesquisa a partir da análise do Currículo Lattes de seus coordenadores⁶, onde procuramos verificar a existência de parceria com orientandos nas publicações de artigos, capítulos de livro e trabalhos completos em Anais; quais as áreas de estudo e pesquisa mais proeminentes; se há vinculação das pesquisas com a pós-graduação; e qual a visibilidade do grupo de pesquisa na mídia.

⁶ Com mais tempo, em uma etapa posterior, esta análise poderá ser estendida a todos os professores do grupo de pesquisa. Para esta dissertação, no entanto, optamos por considerar apenas o envolvimento dos coordenadores, suficiente para a verificação pretendidas.

No caso dos grupos de pesquisa da UNESP, verificamos que há regularidade na produção desde sua criação e visibilidade na mídia, sendo que a parceria na publicação com orientandos ocorre em quatro deles. A vinculação a Programas de Pós-Graduação existe nas unidades que os possuem, e as áreas de pesquisa predominantes são: *Sexualidade e Deficiências* para o GEPESEC (Bauru), GPESS (Marília) e GESEXs (Rio Claro); *Diversidade Sexual* para o NUDISE (Presidente Prudente), GEPES (Assis) e GPESS (Marília); *História da Educação Sexual* para o NUSEX (Araraquara); *Formação de Educadores Sexuais* para o GESEXs (Rio Claro) e o NUSEX (Araraquara); e *Violência e Sexualidade* para o GEPES (Assis).

QUADRO 9

PRODUÇÃO	GEPESEC	NUDISE	GESEXs	NUSEX	GPESS	GEPES
Regularidade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Parceria com orientandos	10	0	25	41	0	10
Área de pesquisa mais proeminente	Sexualidade e Deficiências	Diversidade Sexual	Formação de Educadores Sexuais	História da Educação Sexual	Sexualidade e Deficiências	Diversidade Sexual
Segunda área de pesquisa mais proeminente	Educação Sexual	-	Sexualidade e Deficiências	Formação de Educadores Sexuais	Diversidade Sexual	Violência e Sexualidade
Vinculação com a Pós-Graduação	Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Educação	Não	Educação Escolar	Não	Psicologia
Visibilidade na mídia	Muita	Pouca	Pouca	Muita	Pouca	Pouca

Produção dos Coordenadores dos Grupos da UNESP

Quanto aos grupos externos, também há regularidade na produção e visibilidade na mídia, e, com exceção do CIPESS (Londrina), todos têm vínculos com programas de pós-graduação. A parceria com orientandos na

publicação de resultados de pesquisas ocorre em todos os grupos, mas há uma surpreendente diferença quantitativa no tocante ao CAESOS (Ribeirão Preto), com 317 publicações em parceria. As áreas de pesquisa proeminentes são *Formação de Educadores Sexuais* (CIPESS e EDUSEX, de Florianópolis); *Sexualidade e Infância* (NUDISEX, de Maringá); *Corpo, Gênero e Sexualidade* (GESE, de Rio Grande); *Sexualidade e Saúde* (Sexualidade & Vida e CAESOS, ambos de Ribeirão Preto), sendo que no CAESOS há uma extensão para a questão das DST/AIDS; *Diversidade Sexual* (CIPESS); *Educação Sexual*, (NUDISEX); *Educação Sexual e Tecnologias de Informação e Comunicação* (EDUSEX, de Florianópolis); e *Violência* (CAESOS).

QUADRO 10

PRODUÇÃO	CIPESS	NUDISEX	GESE	EDUSEX	CAESOS	Sexualidade & Vida
Regularidade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Parceria com orientandos	01	02	83	09	317	36
Área de pesquisa mais proeminente	Formação de Educadores Sexuais	Sexualidade e Infância	Corpo, Gênero e Sexualidade	Formação de Educadores Sexuais	Sexualidade, Saúde e DST/AIDS	Sexualidade e Saúde
Segunda área de pesquisa mais proeminente	Diversidade Sexual	Educação Sexual	-	Educação Sexual e TICs	Violência	-
Vinculação com a Pós-Graduação	Não	Educação	Educação em Ciências	Educação	Enfermagem	Psicologia
Visibilidade na mídia	Pouca	Pouca	Pouca	Muita	Muita	Muita

Produção dos Coordenadores dos Grupos Externos

A partir dos questionários aplicados e das perguntas feitas aos sujeitos, criamos as dez categorias de análise para conhecermos cada grupo de pesquisa:

- 1) Funcionamento do Grupo.
- 2) Formação de pesquisadores na Área da Sexualidade e Educação Sexual.
- 3) Contribuição dos grupos para a sistematização dos saberes em sexualidade.
- 4) Importância do grupo na universidade.
- 5) Contribuições do grupo para a formação dos seus integrantes.
- 6) Percepção sobre os estudos atuais sobre Sexualidade e Educação Sexual no Brasil.
- 7) Relação entre os integrantes do Grupo.
- 8) Atuação junto aos cursos de Graduação e Pós-Graduação.
- 9) Divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Grupo.
- 10) Internacionalização.

OS GRUPOS DE PESQUISA DA UNESP VISTOS PELOS SEUS COORDENADORES E INTEGRANTES

Fizemos a análise a seguir a partir das opiniões emitidas pelos coordenadores e integrantes dos grupos de pesquisa, que puderam transmitir dados e informações sobre a estrutura, funcionamento e realizações de cada grupo, permitindo que traçássemos seu percurso desde sua criação e verificássemos qual a situação atual, a produção acadêmico-científica e como ocorreu o processo de institucionalização desses grupos na UNESP. Como destacamos no Quadro 4, os grupos estudados foram o NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade, de Araraquara; o NUDISE – Núcleo de Diversidade Sexual, de Presidente Prudente; o GEPESEC – Grupos de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura”, de Bauru; o GESEXs – Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Sexualidades, de Rio Claro; o GPES – Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidade, da Assis; e o GEPESS – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades, de Marília.

1. Funcionamento dos grupos.

Os Grupos de Pesquisa são bastante semelhantes no tocante à maneira de conduzir suas atividades, assim como a própria escolha de quais atividades dão sustentação a cada grupo: ocorrência de um grupo de estudos semanal ou quinzenal, desenvolvimento de pesquisas, orientação dos pesquisadores,

organização e realização de eventos, divulgação das pesquisas por meio de publicações e apresentação de trabalhos.

Sendo seus integrantes alunos de graduação e pós-graduação orientados por professores pesquisadores, os grupos de estudo são importantes porque dão a formação e o embasamento teórico necessários para o desenvolvimento das atividades, especificamente aqueles grupos que dão consultoria ou assessoria à escolas, trabalhando com formação de professores em educação continuada.

Os grupos de pesquisa da UNESP têm especificidades quanto ao trabalho desenvolvido, incluindo a própria inserção na rede pública de educação e/ou saúde, que depende do interesse do poder público e das instituições de ensino. Alguns grupos têm intensa atuação na Extensão Universitária, enquanto outros se dedicam mais à pesquisa e à formação de novos pesquisadores.

Por exemplo, sobre o GEPESEC (Bauru), há um relato bem explícito de seu coordenador sobre seu funcionamento:

“Além dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelos integrantes, são realizados encontros semanais. Os temas dos encontros são escolhidos e planejados por todos os integrantes e são bem diversificados, intercalando apresentações de pesquisas dos integrantes do grupo, discussões de filmes e notícias, leituras, etc. As apresentações de pesquisas são bem interessantes porque é um espaço para compartilharmos nossos projetos desde o início, quando a idéia surge e podemos discutir com os outros integrantes, recebendo opiniões e sugestões sobre a melhor forma de desenvolvê-la; quando já temos os resultados e podemos pensar juntos sobre a melhor forma de analisar e interpretar; e quando a pesquisa já foi concluída, conhecendo toda a trajetória da pessoa, como surgiu o interesse para pesquisar aquele assunto, como foi a decisão na escolha do método, que dificuldades surgiram, que novas questões se delinearão no decorrer e com a conclusão do projeto; o que considero bastante proveitoso já que as apresentações de trabalho costumam ser tão rápidas em eventos e congressos, enquanto no grupo temos um espaço para conhecer mais de perto como tudo foi feito, e esse diálogo e troca trazem muitas contribuições no desenvolvimento dos estudos de cada um. A idéia de trazer notícias também foi bastante produtiva, porque sentimos falta de discutir os temas que pesquisamos numa linguagem menos acadêmica e mais próxima do público leigo, já que nos deparamos com questões no nosso cotidiano em que precisamos conhecer, comentar, ter uma posição e muitas vezes tentar desconstruir a forma como a mídia

transmite certos valores e coloca determinadas situações. Cada integrante traz uma notícia e as discussões costumam ser bem diversificadas e percebemos que o debate iniciado no grupo acaba continuando em outros momentos, com nossos amigos e pessoas que convivemos, já que são temas atuais e menos restritos ao âmbito acadêmico, como já disse. Os filmes também trazem ricas reflexões sobre os temas que estudamos, também com a vantagem de ser um recurso que traz diferentes formas de debates de um novo foco e outra linguagem, e os textos escolhidos para lermos juntos costumam conter pontos em comum sobre o que pesquisamos- mesmo tendo projetos diferentes, há uma intersecção de temas como gênero, repressão, história, educação, padrões normativos, que são importantes para todos os projetos. Além disso, com o grupo fica mais fácil a divulgação de eventos e congressos e procuramos participar juntos, o que também estimula e amplia as discussões”.

Igualmente, também o coordenador do NUSEX (Araraquara) esclarece satisfatoriamente quais as atividades desenvolvidas:

“O NUSEX é um grupo interdisciplinar de pesquisa no campo da sexualidade humana e da educação sexual que reúne pesquisadores da UNESP e de outras instituições de ensino superior. Seus objetivos gerais são a integração de pesquisas e estudos desenvolvidos por seus membros visando o fortalecimento da área e o reconhecimento da relevância social de estudos e pesquisas neste campo específico do conhecimento. Especificamente, queremos contribuir para a construção de uma historiografia da educação sexual no Brasil, ainda incipiente, e sua consolidação enquanto tema essencial de pesquisa e ensino na área da Educação; investir na investigação de temas sexuais contemporâneos que possam dar elementos para melhor compreender a complicada dinâmica sexo-sociedade-afetividade; e participar da formação de pesquisadores e educadores sexuais. A dinâmica de estudos, pesquisas e trabalho possibilitou que sua existência e ações pudessem constituir um grande projeto integrado de pesquisa que, a partir da troca de experiências entre seus integrantes, realização de estudos e debates conjuntos, e a realização de intercâmbios com pesquisadores e grupos de outras instituições do Brasil e do exterior têm dado valiosa contribuição para o crescimento do campo da educação sexual.”

Estes dois grupos têm vinculação efetiva e intensa com seus respectivos Programas de Pós-Graduação, o que pode ter influenciado sua vocação para a pesquisa e formação de pesquisadores mais do que a extensão à comunidade.

Já, por exemplo, o GPESS (Marília), é um grupo que trabalha integrado a uma ONG e não possui vínculos com a Pós-Graduação de sua unidade:

“Na verdade as atividades do GPESS estão bastante vinculadas as atividades do CEPCoS, embora existam também atividades exclusivamente do GPESS que acontecem em Marília. A maior dificuldade é arregimentar professores da FFC de Marília, que tenham interesse em pesquisas especificamente na área da sexualidade (embora existam grupos interessados em gênero, direitos humanos, etc.). A reuniões que o CEPCoS realiza mensalmente na cidade de São Paulo, funcionam também, em parte como reuniões do GPESS, pois há profissionais que participam de ambos.

Nessas reuniões na cidade de São Paulo, acontece uma programação de Estudos e um momento de discussão de projetos de pesquisas e seus andamentos. Em Marília O GPESS tem congregado alunos da graduação interessados em estudar e fazer pesquisas na área da sexualidade. Realizam-se quinzenalmente reuniões de estudos, onde são estudados livros, artigos e capítulos de livros de teóricos importantes da área da sexualidade. Os alunos que participam do grupo, quase em sua totalidade, interessam-se por elaborar um TCC na área. O Grupo de Estudos funciona como uma espécie de formação teórica dos alunos. Suas participações além da frequência aos grupos de estudos, implicam na elaboração de projetos de pesquisa, que se transformam em TCCs. Nesse sentido os alunos são orientados pelo líder do grupo, na elaboração e na realização do TCC.” (Coordenador do GPESS)

O GEPS (Assis) é um grupo que conseguiu atuar tanto na Extensão quanto na Pesquisa,

“[...] com duas áreas de atuação, sendo uma na comunidade e outra no ensino/pesquisa. Na comunidade através da participação em fóruns deliberativos de saúde, educação, Direitos Humanos e militância em ONGs. Também, a partir da realização de palestras, oficinas de sexualidades, sexo seguro, instalações, Direitos Humanos e treinamentos de multiplicadores e capacitação de profissionais. Já a segunda área se vincula à graduação e pós-graduação onde os professores orientam pesquisas científicas e lecionam a disciplina “Psicologia, gêneros e processos de subjetivação”.

O GESEXs (Rio Claro) é bastante ativo com a Extensão-Universitária, participando de projetos de educação continuada e formação de professores junto ao Ministério da Educação e à SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, assim como o NUDISE (Presidente Prudente) que

“tem feito cursos de capacitação em parceria com a UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina para professores de Presidente Prudente [...] e parceria com Assis na pesquisa sobre adolescentes e homo-suicídio (Programa Nacional de Saúde/DST/Aids), além de trabalhos com a Secretaria da Saúde de Prudente e municípios vizinhos, assim como a edição de um vídeo sobre Diversidade Sexual junto à Secretaria Estadual de Educação.”

A única dificuldade relatada sobre o funcionamento dos grupos veio do NUDISE (Presidente Prudente):

“Infelizmente os alunos são representantes rotativos. Ao término do curso ou do programa, saem do grupo porque migram para outros campi ou cidades. Novamente se inicia a captação. O mesmo se dá com alguns professores, que resistem a permanecer no grupo em função de outros projetos. Os que permanecem, são os parceiros da comunidade local.” (Coordenador)

O que podemos concluir, a partir dos relatos, é que no tocante ao funcionamento, os grupos da UNESP têm infra-estrutura, planejamento e são organizados em torno de seus alunos e membros da comunidade, coordenados por professores e desenvolvem atividades vinculadas aos eixos de sustentação da universidade pública: ensino, pesquisa e extensão.

2. Formação de pesquisadores.

A segunda questão levantada foi sobre a formação de pesquisadores, em que buscamos identificar quais os processos utilizados em cada grupo para a capacitação de seus integrantes em pesquisa e os resultados obtidos nesta ação. Para os coordenadores, a contribuição na formação ocorre com a orientação de pesquisas de Iniciação Científica, de dissertação de mestrado, teses de doutorado e de pesquisas de pós-doutorado, no entanto somente o NUSEX forma pesquisadores nestes quatro níveis e oferece a formação mais bem estruturada e completa

“[...] a partir da cooperação entre universidades que desenvolvem pesquisas na área, principalmente as do exterior, havendo interesse da equipe de docentes em também se integrar às do norte e nordeste; da integração graduação – pós-graduação que possibilita e facilita identificar e formar recursos humanos para a pesquisa desde a Iniciação Científica até o Pós-Doutorado, com destaque para uma prática que já vem ocorrendo em vários dos grupos de investigação partícipes desta proposta, que é o incentivo para que nossos pós-graduandos se integrem a atividades conjuntas com os alunos de graduação, inclusive envolvendo a orientação de estudos e pesquisas. Além disso, este grupo de pesquisa está primando pelo apoio e efetivação de publicações do corpo docente e discente, incluindo o incentivo a publicações conjuntas orientador – orientando, docentes – alunos, e alunos de graduação – alunos de pós-graduação.”

Os demais grupos são limitados pela própria inserção ou não nos programas de pós-graduação e no nível dos cursos oferecidos: o GEPESEC

atua somente junto à Iniciação Científica ao Mestrado; o GEPS, com a Iniciação Científica, o mestrado e o doutorado; o GESEXs e o GEPESS, só com Iniciação Científica; e o NUDISE têm vinculação recente com o doutorado.

Na fala de seu coordenador, o GEPESS

“[...] tem congregado alunos da graduação interessados em estudar e fazer pesquisas na área da sexualidade. Realizam-se quinzenalmente reuniões de estudos, onde são estudados livros, artigos e capítulos de livros de teóricos importantes da área da sexualidade. Os alunos que participam do grupo, quase em sua totalidade, interessam-se por elaborar um TCC na área. O grupo de Estudos funciona como uma espécie de formação teórica dos alunos. Suas participações além da frequência aos grupos de estudos, implicam na elaboração de projetos de pesquisa, que se transformam em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Nesse sentido os alunos são orientados pelo líder do grupo na elaboração e na realização do TCC.”

Continuando, afirma que o GPESS ainda não conseguiu sensibilizar os professores de sua unidade para que participem do grupo:

“A maior dificuldade é arregimentar professores da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília que tenham interesse em pesquisas especificamente na área da sexualidade (embora existam grupos interessados em gênero, direitos humanos, etc.)”

Por sua vez, o NUDISE estende a formação à comunidade e

“contribuiu com alguns momentos de estudos e formação para as psicólogas escolares da Secretaria Municipal de Educação, por meio das leituras e de discussões em grupos propostas pela professora coordenadora. [...] A construção de espaços para a discussão teórica e o posicionamento crítico para além das amarras e generalidades propostas pelas disciplinas curriculares, auxiliam no aprofundamento teórico-metodológico de pesquisas específicas em educação sexual. Nesse sentido, contar com um espaço para confrontar nossas idéias e representações teóricas, metodológicas e de técnicas de pesquisa, contribuem, inevitavelmente, para a melhoria na formação do pesquisador iniciante.” (Coordenador)

Detalhe interessante e importante são as opiniões emitidas por alguns integrantes sobre a sua própria formação, pois ilustram o processo em questão:

“No decorrer da minha pesquisa de Iniciação Científica e do projeto de extensão que eu realizei, além da orientação da coordenadora do grupo, eu tive a oportunidade de apresentar os projetos, discutir minhas idéias e dúvidas, escutar e dialogar sobre os outros projetos, o que incluiu sugestões para o planejamento, recomendações de bibliografia, acompanhamento das experiências já concluídas com sucesso ou a forma que os outros participantes estavam conduzindo os próprios projetos, o que acredito

que contribuiu muito para o desenvolvimento do meu trabalho. Penso que essa forma de organização também é bastante proveitosa para os outros integrantes do grupo (integrante do GEPESEC)”

Outras opiniões expressas por seus integrantes foram:

A formação ocorre [...] “por meio das atividades que [o grupo] realiza, todas orientadas pelos professores. Os membros são formados pelas pesquisas, cursos, estágios e eventos que participam e realizam, e o GEPS oferece para não-membros a divulgação de informações referentes a essas temáticas por meio de publicação em Revistas Científicas, apresentação em eventos e a própria organização de cursos e eventos para a sociedade acadêmica e não-acadêmica (muitos são abertos e divulgados a profissionais da educação, da saúde e a população em geral).” (Integrante do GEPES)

“Acredito que o grupo promove o desenvolvimento da capacidade crítica do pesquisador, por discutir aspectos teóricos em diferentes disciplinas que abordam a temática, bem como a vinculação do conhecimento acadêmico com a vida cotidiana. Acredito que o grupo permite ao pesquisador que discuta seu método de pesquisa antes de submeter seus projetos a avaliações.” (Integrante do GEPESEC)

“Inicialmente, penso que as leituras e discussões que acontecem nos encontros são de grande valia para a formação de pesquisadores, pois vários conceitos são desconstruídos e refletidos, sob diferentes pontos de vista, propiciando um olhar crítico de cada pessoa que compõe o grupo. Além disso, há um grande estímulo para publicações em congressos e participação dos mesmos, onde adquirimos experiências e trocamos com outros/as pesquisadores/as as visões perante a temática.” (Integrante do GESEXs)

“A grande importância do NUSEX é estar aberto a toda comunidade acadêmica, pronto não para explicitar receitas, mas para conduzir seus integrantes a reflexões e questionamentos diários. O incentivo constante é um estímulo para novas buscas, novos direcionamentos. E a sexualidade não é isso, construção e reconstrução?” (Integrante do NUSEX)

Finalizando, então, segundo os coordenadores e integrantes dos grupos de pesquisa, mesmo com as limitações identificadas em alguns deles quanto à inserção parcial ou total na pós-graduação, existe na UNESP uma disposição efetiva para a formação de novos pesquisadores concretizada em um conjunto de ações planejadas, organizadas e sistematizadas.

3. Contribuição dos grupos para a sistematização dos saberes em sexualidade.

Partindo do ponto que as ações dos grupos de pesquisa podem gerar conhecimento, a terceira questão investigada foi como os grupos de pesquisa contribuíam para a sistematização dos saberes sobre sexualidade.

Todos eles são produtivos e divulgam seus estudos e pesquisas por meio de apresentação de trabalhos em congressos e encontros similares, realização de conferências e palestras, publicação de artigos, livros e capítulos de livros. Além desta divulgação acadêmica, também se voltam para a divulgação junto ao grande público, em jornais, revistas, TV, rádio, Internet, o que lhes dá a necessária visibilidade ante a comunidade e os meios de comunicação.

A fala do coordenador do GEPESS expressa como os grupos da UNESP têm sistematizado o conhecimento sexual, que usualmente

“[...] centra-se em participações como conferencistas, apresentação de resultados de pesquisas e trabalhos em Congressos, Simpósios, Jornadas, etc, em nível regional, nacional e internacional; na publicação de artigos, tanto de resultados de pesquisa quanto opinativos em revistas científicas. Também participamos como entrevistados em atividades desenvolvidas pela mídia escrita (jornais de grande circulação, revistas, etc.) e televisiva (programas de entrevistas, debates, programa em canais de Tv e pela internet)”.

As opiniões expressas a respeito dos demais grupos sinalizam uma sistematização significativamente positiva e complementam a fala anterior:

*“A interdisciplinaridade do grupo é fundamental. O grupo está sempre aberto para aqueles que desejam trocar conhecimentos e experiências. Com isso os saberes em sexualidade são expandidos por áreas e conhecimentos diversos que ao invés de repelirem um ao outro confluem lado a lado para a reflexão de novos saberes”.
(Integrante do NUSEX)*

“[...] na divulgação do material produzido em sites e impressos.” (Coordenadora do NUDISE)

“Realizando pesquisas na área e incentivando sua divulgação por meio de publicações.” (Coordenadora do GEPESEC)

“Algumas das produções estão disponibilizadas para consulta na página <http://www.assis.unesp.br/geps>, já outras estão impressas e condicionadas na saleta que hospeda o GEPS, localizada nas dependências do prédio de Psicologia da UNESP. Todo material resultante dos estudos e pesquisas realizados sobre a temática, inerente a proposta do Grupo de Pesquisa, é arquivado para servir de apoio a publicações posteriores a todos aqueles que se interessem pelos saberes em sexualidade, podendo auxiliar no levantamento bibliográfico nesta área.” (Integrante do GEPS)

Dentre os grupos estudados, o NUSEX tem ação muito diferenciada em relação aos demais grupos de pesquisa, atingindo patamar elevado se comparado até com grupos de todo o país:

*“Nestes dez anos de trajetória, o grupo de investigação foi responsável pelo oferecimento de vinte disciplinas no Programa de Pós-Graduação ininterruptamente, e pela produção de doze dissertações de mestrado, três teses de doutorado, uma tese de Livre-Docência, dez relatórios de Iniciação Científica e um relatório de Pós-Doutorado, sendo que várias das pesquisas foram desenvolvidas com bolsas do CNPq, da FAPESP e da CAPES, consolidando a formação de novos pesquisadores em todos os níveis, desde a Iniciação Científica até o Pós-Doutorado, que aliás, para o CNPq, é um dos objetivos essenciais a ser atingido pelos professores universitários com Bolsa de Produtividade em Pesquisa. Em 15 de abril de 2005, o coordenador do NUSEX solicitou formalmente ao Departamento de Psicologia da Educação a criação de um laboratório equipado para que o grupo pudesse desenvolver suas pesquisas mais adequadamente. Após um ano e meio de tramitação, a criação do LASEX – Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade foi finalmente aprovada na reunião da Congregação da FCL em 11/10/2006 e o grupo de pesquisa passou a ter um espaço próprio com material e equipamentos para desenvolver seu trabalho. Após a conquista do espaço físico, conseguimos uma importante aquisição humana em agosto de 2008 na pessoa da Sra. Dulce Mazon, nossa secretária, que muito tem contribuído para a realização das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos pelos pesquisadores. A partir de 2006 o NUSEX iniciou seu processo de internacionalização, primeiro com Portugal, depois com a Espanha, recebendo professores desses países em 2006 e 2007, enviando professores e alunos nossos em 2008 e 2009, e novamente recebendo os de lá em 2009, cujo resultado é o estabelecimento de convênios, realização de eventos e desenvolvimento de projetos. O primeiro pós-doutorado realizado nas dependências do LASEX foi o da professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, da FC de Bauru, com a pesquisa **Inclusão e sexualidade: análise de questões afetivo-sexuais em pessoas com deficiência física**, concluído em outubro de 2009, seguido de outras duas pesquisadoras que tiveram seus projetos de pós-doutorado aprovados e já estão sendo desenvolvidos: o da professora Eliane Rose Maio Braga, da Universidade Estadual de Maringá, e o da recém-doutora Andreza Marques de Castro Leão.” (Coordenador do NUSEX)*

Quando comparamos a manifestação dos coordenadores e integrantes com a análise da produção constante na Plataforma Lattes, verificamos efetivamente o quanto a UNESP tem contribuído para a sistematização do conhecimento sexual no Brasil.

4. Importância do grupo na universidade.

Esta categoria de análise é interessante porque possibilita verificarmos como cada grupo de pesquisa se vê e se auto-avalia em relação à sua própria atuação. É como pudéssemos descobrir como está a “auto-estima” destes grupos, diretamente relacionada aos êxitos e realizações, o que constitui importante balisador do caminhar dos grupos e a trajetória da formação de pesquisadores e de difusão de conhecimento.

Como atribuir importância ao grupo é um aspecto bastante subjetivo, as argumentações usadas pelos coordenadores são bastante distintas, dependendo da esfera de ação de cada um.

Por exemplo, para o GEPESEC, devido a existência de poucos grupos no país, a importância é que

“[...] o grupo acaba divulgando no âmbito local, regional, nacional e internacional, as pesquisas nessa área.”

Já o NUDISE, destaca a relevância social:

“Penso que ele é parte integrativa de uma rede maior, formada por educadores que através de muita luta, procuram inibir a homofobia universitária, o conhecimento e a história sobre as sexualidades e as diferenças existentes na escola.”

E o GESEXs, a extensão universitária, pois

“participa de ações junto aos governos (municipais, estaduais e federal), encontros internacionais, nacionais e regionais, publicações, articulação entre a sala de aula,

educação não formal e formal, e contribui para construção do conhecimento da sexualidade a todos os alunos da licenciatura.”

Uma crítica foi feita pelo coordenador do GPESS, que afirma que o grupo

“[...] não apresenta a visibilidade desejada dentro da UNESP e carece de recursos para um melhor funcionamento. Até o momento não dispõe de uma sala para funcionamento a ser ocupada como sede do grupo. A atual direção do Campus tem acenado com a oferta de facilidades para o funcionamento dos Grupos de Pesquisa da unidade, porém até o momento tais promessas ainda não se concretizaram, embora o período de gestão da atual diretoria esteja em sua fase inicial.”

Realmente, o apoio da direção da unidade universitária é imprescindível, até porque, como gerenciadora dos recursos financeiros e do espaço físico, é ela quem detém a prerrogativa, a nível da unidade, do auxílio a ser concedido e do investimento possível em pesquisa, ensino e extensão.

Quanto às opiniões expressas pelos integrantes dos grupos de pesquisa, eles atribuem sua importância à possibilidade que têm de investir em pesquisas, intervir na sociedade e formar mentes críticas em uma área em franco crescimento. E é muito estimulante verificar como têm uma visão clara e positiva de suas atividades, demonstrando que se sentem sujeitos ativos, integrados e participantes da construção de um saber específico e relevante.

A importância do grupo, no exemplo abaixo, foi atribuída aos poucos estudos realizados sobre sexualidade:

“Penso que seja de extrema importância a existência deste grupo de estudos sobre sexualidade educação e cultura na universidade, se levarmos em conta que a maior parte dos cursos de psicologia não conta com disciplinas específicas sobre a sexualidade humana, o que não contribui para uma formação adequada nesta área. Por meio do grupo pode-se divulgar este saber e relacioná-lo à prática da psicologia e de outros profissionais que venham a se deparar com as questões da sexualidade em seu trabalho.” (Integrante do GPESEC)

Esta opinião parece ser compartilhada tanto por outros membros do grupo quanto por integrantes de outras unidades, o que sugere haver características específicas na atuação e avaliação de cada um dos grupos estudados que são comuns a toda a UNESP:

“Conversando com alunos de outros cursos, posso notar que muitos sentem falta de uma discussão mais efetiva sobre questões que estão muito presentes no nosso cotidiano, como o preconceito, os padrões repressivos, a necessidade de informações e maior esclarecimento sobre questões relacionadas à sexualidade, educação e cultura. Cursos da UNESP – Bauru como pedagogia, biologia, educação física e comunicação, por exemplo, se deparam durante a formação e a prática com muitas questões que não possuem espaço para dialogar, conhecer, se aprofundar. Acredito que um espaço aberto na universidade para que assuntos tão importantes sejam discutidos de maneira ética e responsável é fundamental e pode ser bem proveitoso para estudante de diversos cursos, não apenas psicologia, que costuma ser o curso da maior parte dos pesquisadores. Além disso, acredito que os grupos de estudos complementam e superam o que pode ser trabalhado em sala de aula, ao reunir pessoas que se interessam, pesquisam e realizam projetos na área, que se reúnem por ter muito o que compartilhar. Penso que tais atividades propiciam até mesmo mais aproveitamento que as aulas com a obrigatoriedade da presença, as notas, etc. O estímulo à pesquisa e à extensão são essenciais para o conhecimento na Universidade e acredito que o GEPESEC cumpra bem essa função.” (Integrante do GEPESEC)

“Pela construção de espaços formativos que permitam o desenvolvimento de temas não contemplados em disciplinas curriculares.” (Integrante do GEPESEC)

“Vejo o GEPS como imprescindível à UNESP, pois é um dos raros grupos que trabalham as temáticas que o grupo aborda – temáticas que vejo como necessárias de serem estudadas para a formação de um bom psicólogo e de profissionais éticos (de qualquer área). Sem o GEPS eu não teria crescido tanto academicamente dentro da área em que pesquiso e a UNESP de Assis não teria tido tantas contribuições sobre a temática de gênero e sexualidade aos seus estudantes e pesquisadores.” (Integrante do GEPS)

Algumas respostas mencionam a quebra de tabus e preconceitos:

“Considero de extrema importância um grupo que discute a temática Sexualidade especificamente diversidade sexual, pois lidamos ainda dentro da própria Universidade entre professores e alunos com muito preconceito e desconhecimento sobre a temática.” (Integrante do NUDISE)

“Na UNESP como um todo, mas falando mais precisamente no campus de Araraquara onde a área de humanas predomina é muito importante que o campo da sexualidade não seja um tabu ou uma incógnita para aqueles que atuam ou irão atuar na área educacional e que estão à frente de uma transmissão de saberes que irá acarretar no

conhecimento ou desconhecimento de muitas pessoas em sua formação [...]” (Integrante do NUSEX)

Para finalizar, destacamos duas opiniões expressas por integrantes:

“Penso que quando se trata de educação, na construção e formação de um cidadão pleno e emancipatório é fundamental que pensemos em certas questões: O que é educação sexual? O que significa educar sexualmente? Quem pode exercer essa educação? Ensinar o quê? A grande importância do NUSEX é estar aberto a toda comunidade unespiana, pronto não para explicitar receitas, mas para conduzir seus integrantes a reflexões e questionamentos diários. Penso que em se tratando de um espaço de formação e pesquisa, a UNESP ganha e muito com grupos que incentivem a construção diária de seus pesquisadores. Porque é neste sentido que os integrantes do NUSEX caminham: para a pesquisa e para a ação integrada.” (Integrante do NUSEX)

“O GESEXs é um grupo de pesquisa que atinge principalmente os cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas (Licenciatura). O grupo é importante pois abrange diversas linhas de pesquisa, trazendo alunos com interesses múltiplos, enriquecendo as discussões. Além disso, foi o grupo que organizou o último Encontro de Grupos de Pesquisa sobre Sexualidades. Infelizmente, acredito que o grupo ainda seja pouco divulgado para os alunos de Rio Claro.” (Integrante do GESEXs)

5. Contribuições do grupo para a formação dos seus integrantes.

Buscamos identificar com esta categoria, como cada integrante dos grupos de pesquisa avaliava sua formação e como se processava sua aquisição do saber sexual.

Os coordenadores opinaram na qualidade de formadores, enquanto os integrantes percorreram como as ações desenvolvidas atuaram em seu aprimoramento.

Para a coordenadora do NUDISE, a formação dos integrantes é feita a partir da

“[...] sistematização dos saberes ditos subalternos. Ler autores consagrados, ter um referencial teórico seguro, debater questões, possibilita argumentos mais plausíveis, além da produção de ferramentas mais viáveis, como é o caso da interpretação dos vídeos educativos, sob um outro olhar (Trabalho do meu orientando que está prestes a ser defendido e que auxilia a rede de ensino na utilização dessa modalidade de material didático)”.

No GPESS

“preparamos alunos da Graduação para se iniciarem na pesquisa científica na área da sexualidade humana, cujas oportunidades ainda não são muitas. Normalmente, vinculamos os alunos que o líder orienta através das bolsas BAAE com as atividades do Grupo de Pesquisa. Os agraciados com esse tipo de bolsa comprometem-se com a elaboração e desenvolvimento de um projeto de pesquisa que será o futuro Trabalho de Conclusão de Curso.” (Coordenador do GPESS)

Já no NUSEX a formação acontece

“a partir da cooperação entre universidades que desenvolvem pesquisas na área, principalmente as do exterior, havendo interesse da equipe de docentes em também se integrar às do norte e nordeste; da integração graduação – pós-graduação que possibilita e facilita identificar e formar recursos humanos para a pesquisa desde a Iniciação Científica até o Pós-Doutorado, com destaque para uma prática que já vem ocorrendo em vários dos grupos de investigação partícipes desta proposta, que é o incentivo para que nossos pós-graduandos se integrem a atividades conjuntas com os alunos de graduação, inclusive envolvendo a orientação de estudos e pesquisas. Além disso, este grupo de pesquisa está primando pelo apoio e efetivação de publicações do corpo docente e discente, incluindo o incentivo a publicações conjuntas orientador – orientando, docentes – alunos, e alunos de graduação – alunos de pós-graduação. Nestes dez anos de trajetória, o grupo de investigação foi responsável pelo oferecimento de vinte disciplinas no Programa de Pós-Graduação ininterruptamente, e pela produção de doze dissertações de mestrado, três teses de doutorado, uma tese de Livre-Docência, dez relatórios de Iniciação Científica e um relatório de Pós-Doutorado, sendo que várias das pesquisas foram desenvolvidas com bolsas do CNPq, da FAPESP e da CAPES, consolidando a formação de novos pesquisadores em todos os níveis, desde a Iniciação Científica até o Pós-Doutorado, que aliás, para o CNPq, é um dos objetivos essenciais a ser atingido pelos professores universitários com Bolsa de Produtividade em Pesquisa.”(Coordenador do NUSEX)

Os integrantes foram unânimes em apontar estudos específicos, participação em pesquisas, internacionalização e intercâmbios, organização de eventos, como atividades que contribuíram para a sua formação.

Alguns depoimentos foram mais completos que outros, com esclarecimentos mais detalhados acerca de como as atividades desenvolvidas tiveram participação na formação dos alunos:

“Por ser uma aluna do curso de biologia, muitas vezes acabo me restringindo àquilo que me é apresentado no curso de graduação. A participação no grupo me despertou para uma nova visão. E foi devido a essas visões muitas vezes conflitantes, que iniciei o desenvolvimento do meu projeto.” (Integrante do GESEXs)

Mais uma vez as ações do NUSEX são apresentadas de forma bastante abrangente e completa:

“Difícil ser imparcial nesta questão. O NUSEX se configurou em uma segunda família eu diria. Além da questão pessoal que envolve o grupo, penso que efetivamente entendi o que era fazer e para que fazer pesquisa ao entrar no mesmo. Com relação à minha formação propriamente dita, aprendi o que é trabalhar em grupo, o que é compartilhar idéias, decepções e sucessos. Aprendi em meio a minha criticidade a ouvir mais o outro e ao ouvir mais, perceber que posso ser ouvida. Descobri no que tange à sexualidade, que para despertar a criticidade do outro, precisamos antes, nos despir de preconceitos e estereótipos. E principalmente, que a interdisciplinaridade é possível e necessária. Pesquisas “de gabinete” não servem para mais nada.” (Integrante do NUSEX)

Na mesma linha, também o GEPESEC é apresentado como importante formador:

“O grupo contribui com discussões que vão além do ambiente acadêmico formal o que enriquece o meu conhecimento geral sobre a temática. As pesquisas dos colegas ao serem debatidas no grupo trazem novos conhecimentos sobre assuntos e textos que, mesmo estando no grande agrupamento da disciplina, não fazem parte da minha pesquisa e que portanto tenho pouco contato. O grupo sempre foi um espaço para treinar apresentações, que iríamos fazer em congressos ou em qualificações/defesa. Nas reuniões somos questionados quando apresentamos textos, ou defendemos um posicionamento e isso me ajudou muito a recorrer em novas leituras e também na minha argumentação. Eu vejo que o grupo é uma alternativa para que os egressos da graduação e da pós continuem mantendo vínculo com a universidade e com a pesquisa e isso poderá ajudar na minha formação continuada após a conclusão do curso de mestrado.” (Integrante do GEPESEC)

Para finalizar, o depoimento desta integrante do grupo de Rio Claro:

“Com certeza o GESEXs me fez refletir e trouxe à luz do meu conhecimento diferentes pontos relativos a sexualidade. Penso que a formação a partir do senso comum é muito falha e cheia de preconceitos, portanto foi no Grupo de Pesquisa que pude parar para analisar toda a história da sexualidade e sua influência atual. Além de me conscientizar acerca das questões cotidianas, o grupo também me trouxe uma formação para a pesquisa na área e para a atuação, na educação, com a orientação sexual.” (Integrante do GESEXs)

O que é importante considerar a partir dos relatos destacados é que os grupos de pesquisa são importantes para a formação de seus integrantes, constituindo não apenas uma alternativa, mas uma possibilidade efetiva,

organizada e sistematizada de formação na área de Sexualidade e Educação Sexual.

6. Percepção sobre os estudos atuais sobre Sexualidade e Educação Sexual no Brasil.

Outra análise importante foi feita a partir de como os grupos de pesquisa apreendiam e avaliavam os estudos atuais sobre sexualidade e educação sexual no Brasil, considerando que na condição de formadores de novos pesquisadores, também têm acesso e utilizam os saberes forjados tanto no próprio grupo quanto nos outros grupos existentes, assim como aqueles construídos pelos pesquisadores espalhados pelas instituições e universidades do Brasil e do exterior e que constituem o elenco de referências para os estudos da área.

A coordenadora do GEPESSEC considera que

“há um crescente aumento das pesquisas na área. Alguns grupos me parecem mais fechados, digo, circulam de modo mais rígido em um referencial teórico. Isso por um lado é bom porque mostra coesão e aprofundamento no que fazem. Por outro lado, há pesquisas mais abrangentes, como vejo as que oriento no meu grupo de pesquisa, que versam sobre temas mais diversos com diferentes abordagens. Ao mesmo tempo que isso parece ser uma fragilidade, penso que isso aglutina e incentiva um olhar mais panorâmico dos objetos de estudo em sexualidade e educação sexual.”

O papel das universidades na difusão e sistematização do conhecimento sexual é apontado pela coordenadora do GESEXs, que explica que

“as universidades estão tendo um papel importante junto aos órgãos governamentais, para a ampliação das discussões, estudos e trabalhos de extensão e formação de professores e pessoal da saúde, o que em longo prazo, mudará a formação de profissionais. Mas os estudos estão muito tímidos, as ações que os vários campi da UNESP faz com seus grupos de pesquisa, estudo e extensão, são fundamentais e servem de referência para outras instituições universitárias.”

Uma crítica que merece reflexão foi feita pelo coordenador do GPESS, que embora reconheça os avanços dos estudos e pesquisas sobre sexualidade, inclusive com a existência de várias publicações, acha que

“[...] a área da sexualidade tem dificuldade em ser reconhecida como tendo uma identidade própria. Devido ao fato de ser, por excelência, uma área multidisciplinar acaba ficando atrelada a outras disciplinas (a reboque). Recentemente um fato chama a atenção nesse sentido na própria UNESP. Liderados por um professor de Araraquara, um grupo de professores (ligados a grupos de pesquisa nessa área) tentou a criação de um Programa de Pós-Graduação em Nível e Mestrado e Doutorado na área da “Educação Sexual e Sexualidade”; iniciativa não aprovada por instâncias superiores...”

As opiniões dos integrantes se voltam para reflexões mais apuradas que envolvem críticas acerca das dificuldades encontradas:

“No Brasil, os estudos sobre sexualidade e educação sexual possuem uma carência epistemológica que possibilite compreender a área como um corpo de conhecimentos acerca da construção cultural humana em relação ao corpo, gênero, sexo, desejos, práticas e afetividades. A meu ver, essa defasagem não permite a consolidação de trabalhos interventivos voltados a uma educação sexual integral, que incorpore sim conhecimentos sobre a biologia do sexo, contudo, não restrinja seu potencial crítico de compreender o caráter político e produtivo das relações do exercício de poder que a rege”. (Integrante do NUDISE)

Ou sobre a ausência de estudos nos cursos de formação de professores, pois os temas de sexualidade

“ainda são pouco explorados e abordados apesar de constar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Afinal desde de 1996 a Educação Sexual na escola, segundo a LDB, está dentro da grade de assuntos abordados dentro de disciplinas obrigatórias” (Integrante do NUSEX)

Embora haja um reconhecido avanço e vários grupos tenham consciência dos esforços existentes para o desenvolvimento de ações em educação sexual, é consenso o quanto os professores trabalham pouco com a temática:

“Estudos interdisciplinares que geralmente são desenvolvidos dentro dos grupos de pesquisas, grande parte vinculados aos programas de pós-graduação das universidades. O tema da educação sexual é continuamente discutido e enunciado,

contudo, percebe-se que não há um investimento na inserção de disciplinas obrigatórias na grade curricular de cursos de Pedagogia ou outras licenciaturas. É essencial que profissionais invistam na formação de futuros professores e mesmo numa ação planejada e intencional de orientação sexual nas escolas, ações estas que caminhem com a formação social e cultural de crianças e adolescentes.” (Integrante do NUSEX)

“Penso que os estudos em educação sexual no Brasil estejam em desenvolvimento. No entanto, no meu ponto de vista, parece que o mais difícil não é o desenvolvimento dos estudos, mas sim a inserção destes estudos na prática profissional. Ou seja, de forma geral os estudos enfatizam que a postura do psicólogo e professor, por exemplo, deve ser crítica, levando a uma educação sexual emancipatória, no entanto, não é tão comum encontrar este tipo de postura nestes profissionais. Penso que falte abertura por parte dos profissionais e da sociedade de forma geral, melhor formação nesta área nos cursos de graduação e investimento financeiro pelo Estado.” (Integrante do GEPESEC)

“Ainda existe muita falta de coragem dos professores em trabalharem com a temática, embora seja matéria de currículo. A Educação Sexual é tida como tema transversal e por isso os professores que não tiveram essa Educação em sua formação sentem-se desconfortáveis ao “ensinar” os alunos. Nesse contexto, fico feliz com o trabalho do GDE (Gênero e Diversidade na Escola), que é um projeto de Educação Continuada de Professores da UNESP em parceria com o Ministério da Educação, que faz reflexões com os professores da Rede Estadual e Municipal a respeito dos temas Diversidade, Gênero, Sexualidade e Etnia. Esse projeto tem como tutores a distância, em sua maioria, integrantes de Grupos de Estudos de Sexualidades de diversas universidades. Nesse sentido, há no Brasil uma tentativa de melhora, e o crescimento pela procura de aprimoramento esteja sendo crescente, mas ainda há muito pouco reconhecimento dos governantes nessa área.” (Integrante do GESEXs)

Outra questão levantada diz respeito ao pouco investimento em políticas públicas para formação de educadores sexuais:

“Percebo uma crescente mudança, têm pessoas comprometidas com a temática que lutam para que a mesma seja inserida em todos os espaços, principalmente na Educação que é onde atuo, mas ainda percebo uma dificuldade grande de aceitação e de compromisso dos responsáveis pelas políticas diversas em garantir que seja discutida uma educação sexual de qualidade nas escolas e em outros espaços como na saúde, por exemplo.” (Integrante do NUDISE).

Também há referências às temáticas de relevância social que são parte das investigações dos grupos e dizem respeito ao combate à homofobia e à desigualdade de gênero:

“Vejo que o Brasil tem avançado muito nessa área, mas ainda considero carentes e atrasadas as discussões referentes à heteronormatividade na maior parte dos cursos de Psicologia (e outros da área de humanas), pois pouco se aborda essa temática na formação e poucos são os estudos críticos às normatizações sociais de gênero e de sexualidade que estão dentro de uma perspectiva pós-estruturalista.” (Integrante do GEPS)

Finalizamos esta análise com a fala de um dos integrantes do GESEXs:

“Penso que na área de ciências humanas há um longo histórico já existente de estudos. Especificamente no Brasil, esta área está crescente desenvolvimento. Apesar deste desenvolvimento, penso que a área ainda precisa de mais discussões e pesquisa para aprimorar os estudos em sexualidade e educação sexual, já que a ciência é um eterno repensar e pesquisar estudos já realizados.”

Efetivamente, os grupos de pesquisa da UNESP têm conhecimento da produção atual no campo da sexualidade e estão conscientes de sua condição e capacidade em usar esta produção para reflexões e formação. Ao mesmo tempo, eles próprios são também produtores desse saber, e divulgam ou compartilham o conhecimento produzido com outros grupos e outros pesquisadores da área.

7. Relação entre os integrantes do Grupo.

Buscamos nesta categoria identificar como é a relação entre os integrantes de cada grupo no tocante ao desenvolvimento de projetos, participação em grupo de estudos e formação em pesquisa, assim como verificar como é a relação dos alunos de maior titulação com os iniciantes.

A partir das respostas dadas pelos coordenadores, identificamos uma relação em que o debate e a troca de experiências figuram entre as características mais importantes, juntamente com a possibilidade de colaboração dos integrantes mais experientes com os iniciantes, como exemplifica o coordenador do GEPS:

“Em geral, os alunos com mais titulação colaboram em tutoriais em sala de aula, em cursos de extensão. Os projetos sempre incluem discussões e interações entre os membros integrantes do GEPS.”

Para a coordenadora do NUDISE

*“todos têm suas intenções e trabalhos específicos, mas em um único projeto temático: **A formação do professor e a diversidade.** Todos falam igualmente, sem distinção de títulos. Lemos juntos e discutimos juntos. Assim tem sido nossa política.”*

No NUSEX

“todos os integrantes do grupo são considerados pesquisadores e tem seus projetos de pesquisa desenvolvidos, ainda que em função de sua experiência, tempo de formação e nível de conhecimento cada um tenha um aprofundamento diferente em suas atividades de pesquisa, cujos níveis vão da Iniciação Científica ao Pós-Doutorado e os mais experientes auxiliam os ingressantes. Há um grupo de estudos semanal que funciona há dez anos.” (Coordenador)

A opinião dos integrantes segue na mesma linha:

“Os participantes participam de eventos científicos com apresentação de trabalhos. A relação entre os membros do grupos é boa e não há distinção hierárquica entre os participantes.” (Integrante do NUDISE)

Há depoimentos que reessaltam o trabalho integrado:

“Sobre a participação dos integrantes, congregamos alunos/as de graduação e pós-graduação, bem como profissionais das áreas de educação, assistência social e jurídica do município de Presidente Prudente – SP. No que se refere à produção de pesquisas em conjunto, e conseqüente formação para a pesquisa, acredito que nosso grupo deva se ater mais nessa especificidade, pois, a produção teórica e proposituras interventivas oriundas das discussões, muitas vezes, não são direcionadas para a esfera do planejamento e intervenção.” (Integrante do NUDISE)

“É prezada a autonomia e independência criativa dos integrantes do núcleo. Quando se pleiteia financiamento para algum projeto de pesquisa de grande vulto, aqueles que têm interesse pelo tema ou que já desenvolvem estudos dentro da área são convidados a participar. Estudantes de graduação que fazem seus estudos interessados em pleitear uma bolsa em nível de Iniciação Científica são orientados pelos professores Dr. Fernando Silva Teixeira Filho e Dr. Wiliam Siqueira Peres, e também podem receber auxílio de alguém que esteja cursando o programa de pós-graduação. Não existem divergências e distâncias no relacionamento entre alunos e demais pesquisadores titulados, a convivência se dá tranquilamente e é muito profícua; em parte acredito que tal integração se deva ao fato do Campus de Assis ser pequeno, o que favorece o contato direto e próximo.” (Integrante do GEPS)

“É uma relação de total entrosamento mesmo com os integrantes mais novos ou com menos titulação.” (Integrante do NUSEX)

“A relação entre os integrantes do grupo de estudos é bastante colaborativa e a maioria busca participar de todas as atividades desenvolvidas. Os alunos com maior titulação buscam auxiliar os iniciantes com seus projetos de pesquisa, bem como cooperar na organização e andamento das atividades do grupo.” (Integrante do GPESEC)

“A relação é muito proveitosa, como já pude descrever nas outras questões, alguns projetos são realizados em conjunto e as discussões no grupo estimulam e enriquecem os projetos individuais. Há alunos de graduação, como eu, participantes que já concluíram a graduação e trazem exemplos da prática profissional, o que também é muito enriquecedor, alunos da pós-graduação, alunos que concluíram o mestrado e docentes convidados além dos docentes que coordenam o grupo. Essa relação entre participantes de maior titulação com os iniciantes é um dos aspectos que considero um ponto forte no grupo, já que todos se esforçam para que os encontros sejam um espaço de diálogo e estimulam para que as idéias sejam apresentadas, discutidas, sugestões sejam dadas, todos são ouvidos e todos participam do planejamento e da realização dos encontros.” (Integrante do GPESEC)

“Os estagiários e orientandos têm reuniões com os orientadores, individualmente ou em grupo, com frequência estabelecida a partir das necessidades da atividade realizada. Todos têm liberdade de falar e expressar suas idéias a respeito das discussões e atividades realizadas, sendo construído um pensamento conjunto. Os orientadores sempre são cuidadosos em esclarecer dúvidas de qualquer natureza, bem como aqueles mais avançados em relação aos iniciantes, nos casos de reuniões coletivas.” (Integrante do GEPS)

“Vejo que os integrantes são colaborativos entre si nesse sentido. No entanto acredito que a relação entre alunos de maior titulação com os iniciantes possa ser definida de forma mais articulada no sentido de os alunos de Iniciação Científica poderem se engajar ativamente nas pesquisas de mestrado, doutorado etc. Deve-se integrar projetos em eixos comuns nos diferentes níveis de investigação.” (Integrante do GPESEC)

“A relação dos integrantes do Nusex é sempre muito favorável. Poderia supor que por causa da interdisciplinaridade existente não exista um choque de egos dentro do grupo o que acaba contribuindo com o desenvolvimento de atividades e projetos conjuntos. Sem contar que uma das filosofias do grupo é de sempre assessorar o outro e não se sobrepôr a ele. Essa filosofia nos torna iguais, somos considerados e tratados como pesquisadores a partir do momento que entramos no grupo, independente de nossas titulações.” (Integrante do NUSEX)

“Todos os integrantes possuem projetos de pesquisa e participam ativamente das reuniões, organização e participação de eventos. A relação entre os iniciantes e alunos com maior experiência é sempre de troca, pois mesmo que a carga teórica dos mais titulados seja maior, os iniciantes podem trazer uma visão nova, não tão “viciada” no meio científico, contribuindo com o crescimento do grupo.” (Integrante do GESEXs)

Pelos depoimentos, verificamos que as atividades realizadas nos grupos de pesquisa da UNESP são integradas, há colaboração e as relações humanas são fundamentadas no respeito mútuo e na pluralidade de idéias.

8. Atuação junto aos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Esta análise é importante para compreendermos qual a inserção dos grupos de pesquisa no ensino de graduação e nos programas de pós-graduação existentes em suas unidades, e se os grupos participam com o oferecimento de disciplinas e orientação de alunos desses cursos, o que demonstraria efetiva vinculação com os dois níveis de ensino e reconhecida contribuição para o aprimoramento dos cursos.

O que observamos na análise feita é que os grupos de pesquisa da UNESP foram criados a partir de iniciativas isoladas de professores que buscavam reunir interessados em estudar e pesquisar uma temática comum, no caso Sexualidade e Educação Sexual. Como professores de cursos de graduação e/ou pós-graduação tentaram levar suas atividades de ensino e pesquisa nessa área para os cursos em que atuavam, no entanto a heterogeneidade da UNESP e a não obrigatoriedade deste campo de conhecimento fazer parte do currículo oficial, favoreceu tanto a não aceitação quanto a inserção de disciplinas nos cursos de suas unidades de origem.

No caso do Ensino de Graduação, mais burocrático e atrelado a um currículo amarrado por uma legislação oficial, torna-se mais difícil a inserção de disciplinas além daquelas curricularmente tradicionais. Já a orientação de pesquisas em nível de Iniciação Científica não encontra nenhum tipo de impedimento ostensivo ou subjetivo, dependendo apenas do interesse dos graduandos em se dedicar à área. No caso da Pós-Graduações, que depende das pesquisas e publicações de seus orientadores, há uma maior flexibilidade

quanto ao oferecimento de disciplinas e valorizam-se as iniciativas que tragam benefícios acadêmicos para o Programa, como realização de seminários, intercâmbios, publicações, o que facilita que os pesquisadores se empenhem em desenvolver diversas atividades.

Por exemplo, a coordenadora do GESEXs explicou que o grupo conseguiu que fosse criada

“uma disciplina obrigatória com a temática da sexualidade na graduação de Pedagogia e uma optativa para algumas licenciaturas”.

No entanto, quando se refere à Pós-Graduação, suas atividades enconstraram receptividade junto a um programa em outra unidade distinta da que faz parte:

“Na pós-graduação estamos junto com o NUSEX lutando pela criação de uma linha de pesquisa e de um mestrado Profissional, mas em Rio Claro o grupo tem alunos da pós-graduação como integrantes dos projetos de pesquisa e como estagiários docentes na disciplina da graduação.” (Coordenadora do GESEXs)

Da mesma forma, o GPESS também tem dificuldades de inserção na Pós-Graduação:

“A ligação do grupo com o programa de Pós-Graduação em Educação na FFC de Marília não ocorre, pois os membros que são professores da UNESP, não estão no momento vinculados a este programa de Pós-Graduação. Já a atuação junto a graduação é bastante expressiva, pela quantidade de alunos(as) que se interessam por participar do grupo, pois recebem informações dos que já o frequentam, e interessados pela área da sexualidade antevêm uma boa oportunidade para iniciar estudos e pesquisas na área. Cabe aqui destacar que os alunos do grupo são provenientes de diferentes cursos e que têm apresentado os resultados parciais ou finais de suas pesquisas em Congressos de Iniciação Científica na UNESP, USP, UFScaR, UFSC, etc.” (Coordenador do GPESS)

Mas o GPESEC, de Bauru, tem inserção tanto na graduação quanto na pós-graduação. Já o GEPS e o NUSEX têm inserção mais efetiva na pós-graduação:

“Já há alguns anos, oferecemos na pós-graduação disciplinas que abordam temas relacionados aos estudos de gênero e a transversalidade dos mesmos na clínica psicológica e na formação do psicólogo de modo amplo.” (Coordenador do GEPS)

“O curso de graduação em Pedagogia não tem disciplinas sobre sexualidade e educação sexual em sua grade curricular, e até o momento não houve interesse para que isto ocorresse, mesmo com as várias modificações da grade curricular. O vínculo com alunos da graduação acontece exclusivamente por meio da orientação de Iniciação Científica, a participação no grupo de estudos e nos eventos organizados pelo NUSEX. Já com a pós-graduação a relação é muito mais intensa, com o oferecimento de disciplinas optativas a cada semestre, a vinda de professores visitantes (inclusive estrangeiros) e a realizações de eventos. Ao longo destes dez anos o NUSEX foi responsável por três teses de doutorado, dez de mestrado e uma de livre-docência.” (Coordenador do NUSEX)

Os integrantes dos grupos de pesquisa se manifestaram com os mesmos argumentos, sendo que a especificidade da dificuldade de cada grupo é bem exemplificada. O NUSEX por exemplo, não conseguiu ainda acesso ao currículo de graduação:

“O grupo de pesquisa em si é bastante atuante porém se a pergunta for em questão à representatividade do mesmo essa ainda é menor do que o grupo gostaria, justamente por serem vetados, como disciplinas obrigatórias, os temas de sexualidade nos cursos de graduação [...]” (Integrante do NUSEX)

“Apesar das disciplinas ofertadas dentro do programa de pós-graduação semestralmente, penso que a atuação do grupo com a unidade em si é ainda fraco devido a certa resistência da mesma.” (Integrante do NUSEX)

Há grupos em que ocorre exatamente o oposto:

“O GESEXs conta com estudantes das áreas de Biologia, Pedagogia e Geografia. Todos da graduação da UNESP. Em geral todos estão desenvolvendo suas Teses de Conclusão de Curso dentro do Grupo de Pesquisa. Nem todos almejam ser pesquisadores. Não me lembro de presenciar atuação do GP na Pós Graduação da UNESP. Eu gostaria que houvesse um bom curso de Especialização em Sexualidade em Rio Claro, mas não há.” Integrante do GESEXs)

“Em 2006, o NUDISE incluiu uma disciplina optativa, no curso de graduação em Pedagogia. A disciplina é oferecida bi-anualmente e, em 2010, encontra-se em sua terceira edição. Na esfera da pós-graduação há articulação entre as pesquisas sobre sexualidades oriundas de diversas correntes epistemológicas.” (Integrante do NUDISE)

Mas, de forma geral, a atuação dos grupos junto aos alunos e cursos da UNESP é boa e bem vista:

“Há uma boa articulação, uma vez que o GEPS oferece cursos e promove eventos para a população acadêmica.” (Integrante do GEPS)

“Avalio positivamente e vejo que o grupo está sendo mais conhecido entre os alunos dos cursos de psicologia (graduação e pós) da unidade e penso que isso possa refletir a atuação do grupo. No entanto vejo que a atuação do grupo está restrita aos cursos de psicologia.” (Integrante do GEPSESEC)

As limitações provavelmente ocorram devido a especificidade temática e ao preconceito que ainda existe quando o assunto é sexualidade.

9. Divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Grupo.

Todos os grupos de pesquisas da UNESP divulgam seus trabalhos tanto para o público acadêmico quanto para o público leigo, sendo que esta divulgação pode ser verificada na Plataforma Lattes, do CNPq, no currículo de seus coordenadores e integrantes.

Todos os grupos têm sites na Internet e regularmente aparecem na mídia, em entrevistas na TV, rádio, revistas e jornais.

As pesquisas são divulgadas academicamente na apresentação de trabalhos em congressos e reuniões similares, na publicação de artigos em periódicos e de livros e capítulos de livros.

As respostas dadas neste quesito pelos participantes da pesquisa foram praticamente idênticas, tanto as dos coordenadores quanto a dos integrantes, que se limitaram a nominar os espaços em que esta divulgação ocorre: congressos, semanas de educação, cursos, oficinas, palestras, vídeos produzidos, pôsters, etc. (NUDISE); mídia leiga como jornal e revistas,

publicações em resumos em anais de eventos e encontros científicos, artigos em periódicos, capítulos de livro, livros (GEPSESEC); por meio de publicações e apresentação em eventos acadêmicos nacionais, internacionais (GESEXs); em jornais locais, artigos científicos e eventos (GEPs); por meio da apresentação de trabalhos em congressos e reuniões científicas no Brasil e no exterior, publicação de livros, capítulos de livros e artigos, matérias em jornais e revistas, entrevistas no rádio e na TV (NUSEX); como conferencistas, com a apresentação de resultados de pesquisas e trabalhos em Congressos, Simpósios, Jornadas, etc., na publicação de artigos tanto de resultados de pesquisa quanto opinativos em revistas científicas, com entrevistas na mídia escrita (jornais de grande circulação, revistas, etc.) e televisiva (programas de entrevistas, debates, programa em canais de TV pela internet) (GPESS).

10. Internacionalização.

A internacionalização pode ser considerada o coroamento das atividades desenvolvidas por qualquer grupo de pesquisa, pois ela é conseguida apenas com o amadurecimento e consolidação do grupo e o reconhecimento de que sua trajetória é séria, a produção é constante e com regularidade, e o grupo tem capacidade de formular conceitos, propor intervenção, analisar proposições e servir de modelo para outras instituições.

Dos grupos estudados, dois deles não estão internacionalizados, o NUDISE e o GPESS:

“Não está. Ainda estamos na fase de integração nacional. Não temos ainda gás para isso.” (Coordenadora do NUDISE)

“Não o GPESS não está internacionalizado...” (Coordenador do GPESS)

Os demais estão em diferentes fases de internacionalização, sendo que o NUSEX é o grupo com a maior inserção internacional, inclusive colaborando na internacionalização dos grupos parceiros:

“Sim, recentemente o grupo se vinculou a pesquisadores de Portugal e Espanha, firmando mais precisamente um convênio com a Universidade de Aveiro. O grupo, juntamente com outro grupo de pesquisa, o NUSEX, coordenado pelo prof. Paulo Rennes, viabilizou a vinda de professores de lá para um Simpósio Internacional e participação de banca de qualificação e defesa. Visamos, também a organização de um congresso em Aveiro, Portugal para estreitar nossos laços acadêmicos e incentivar a participação dos integrantes desse grupo com relações internacionais.” (Coordenadora do GEPESEC)

“Sim, com 3 países (Portugal, Argentina e Espanha) e fazendo contatos com mais dois (França e Nova Zelândia)” (Coordenadora do GESEXs)

“Temos parceria com a França e Argentina. A parceria facilita o acesso e intercâmbio de alun@s de ambas instituições parceiras. Todavia, são poucos os alun@s que se beneficiam deste intercâmbio dada as condições econômicas dos mesmos. (Coordenador do GEPS)

“Sim, o grupo está internacionalizado. Mantemos intercâmbio com Espanha, Portugal e Argentina. Já recebemos professores estrangeiros e já mandamos professores e alunos nossos para o exterior. Há significativa divulgação do grupo de pesquisa nesses três países.” (Coordenador do NUSEX)

As informações obtidas nos questionários por meio das opiniões emitidas pelos coordenadores e integrantes, auxiliadas pela análise dos currículos constantes na Plataforma Lattes, nos levam a considerar que a atuação dos grupos de pesquisa em Sexualidade e Educação Sexual da UNESP é altamente positiva e este campo de conhecimento está efetivamente institucionalizado.

Os grupos, ainda que com pequenas diferenças contextuais, estão consolidados e estão inteiramente aptos para desenvolver pesquisas com relevância social e científica, têm potencial para a construção de um

conhecimento específico que pode constituir importante elenco de subsídios teóricos e metodológicos na área para pesquisadores do Brasil e do exterior, inclusive como formadores de opinião e modelo de atuação na comunidade. Em decorrência deste amadurecimento, são importantes centros de capacitação de recursos humanos vinculados ou com possibilidades de vinculação nos serviços públicos de educação e saúde, universidades e faculdades em questões de Sexualidade e Educação Sexual, com condições plenas para o aperfeiçoamento da qualidade dos setores sociais da administração pública nas áreas de Educação e Saúde.

OS GRUPOS DE PESQUISA EXTERNOS VISTOS PELOS SEUS COORDENADORES E INTEGRANTES

A mesma análise feita com os grupos da UNESP se estendeu aos grupos de pesquisa externos, sendo que sem pretendermos exclusivamente fazer uma comparação entre aqueles grupos e os vinculados a outras universidades, acabamos por ter um elenco de dados que favoreceu esta comparação, que aconteceu naturalmente e pôde nos dar um panorama nacional da trajetória das ações em sexualidade e educação sexual e da institucionalização do conhecimento sexual no país. Os grupos estudados, conforme destacamos no Quadro 5, são: NUDISEX – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Sexual, da UEM, Maringá; CAESOS – Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência, da USP, Ribeirão Preto; EDUSEX – Grupo de Estudos em Formação de Educadores e Educação Sexual, da UDESC, Florianópolis; GESE – Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, da FURG, Rio Grande; e CIPESS – Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade, da UEL, Londrina; e Sexualidade & Vida, da USP, Ribeirão Preto.

1. Funcionamento dos grupos.

Os Grupos de Pesquisa externos funcionam a partir de reuniões de estudos, realizações de pesquisas, publicações, apresentação de trabalhos em eventos e a própria realização de eventos, atividades estas comuns a todos os grupos, inclusive os da UNESP, analisados no capítulo anterior:

“[O grupo] tem funcionado ativamente, com reuniões a cada 15 dias, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão.” (Coordenadora do CAESOS)

“O GESE se reúne semanalmente para formação teórica e para organização e planejamento dos projetos de pesquisa e extensão. Todos os membros participam dos projetos.” (Coordenadora do GESE)

. Dois dos coordenadores descreveram mais detalhadamente as atividades desenvolvidas:

“O grupo atua em ensino, pesquisa e extensão, articuladamente, num processo de sensibilização permanente sobre a questão, por termos como eixo de trabalho a matriz teórica do materialismo-histórico dialético, que nos desvela que todos nos educamos na relação com o Outro, no mundo, relação esta sempre sexuada, já que a sexualidade é dimensão humana inseparável do existir dos seres, somos sempre, queiramos ou não, saibamos ou não, educadores sexuais uns dos outros. Em todas as áreas e eixos pedagógicos, esta proposta é adaptada e levada a debates reflexivos, hoje inclusive com o apoio das tecnologias da educação a distância (no momento estamos reiniciando um trabalho com quase 6000 alunos via Universidade Aberta do Brasil, onde o tema será levado para debates com todos eles, via ensino, pesquisa e extensão. Temos produzido materiais nessa tríade. Por exemplo: no momento temos um programa de Rádio semanal no ar, na Rádio UDESC- já foram produzidos 60 deles, que estão disponibilizados em vários formatos e linguagens para os educadores em geral, denominado Educação Sexual em debate; estamos com pesquisas desenvolvendo um piloto de um Programa de televisão sobre o tema, bem como estamos aperfeiçoando o espaço no AVAA (Ambiente Virtual de Apoio à Aprendizagem) das disciplinas que coordenamos, na graduação e no pós-graduação, lato sensu e stricto sensu. Temos como metodologia de atuação integrar em todas as atividades todos os participantes do grupo, independente de que estejam atuando mais especificamente no ensino, na pesquisa ou na extensão: todos trabalham em conjunto, participativamente. Todos sabem de tudo o que cada um está produzindo e fazendo e contribuem com todos, além de cuidarem de seus fazeres específicos: isto tem sido importante para o crescimento de todos.” (Coordenadora do EDUSEX)

“Nos reunimos uma vez por mês; marcamos uma leitura comum e usamos a reunião para discussão. Alguém fica encarregado de trazer um tema ligado à sexualidade, ou

um episódio, que está sendo muito falado na mídia, nos dias atuais, mais propriamente no mês atual ou anterior ao que a reunião está marcada para ocorrer. Aproveitamos para conversar sobre “a notícia” e suas implicações. Também cada um fala sobre o conhecimento que tem de algum evento que irá ocorrer e analisamos a possibilidade de todos participarem. Além disto, nos reunimos para organizar eventos.”
(Coordenadora do CIPESS)

Os integrantes dos grupos mantiveram a mesma linha de descrição dos respectivos coordenadores, com alguns detalhamentos a mais:

“O grupo de pesquisa realiza uma vez por semana, durante o turno da tarde, encontros que visam problematizar e aprofundar as discussões acerca das questões relacionadas a sexualidade a partir da leitura de autores que vem pensando sobre essa temática. Além disso, os cursos de extensão oferecidos aos professores que atuam nas escolas, bem como os cursos oferecidos aos alunos e alunas, acadêmicos da nossa universidade, acredito que possibilitam que as temáticas de sexualidade deixem se ser entendidas como algo que deve ser falado em espaços privados, como a família, por exemplo, e passe a ser discutida nas salas de aulas das escolas.”
(Integrante do GESE)

“O grupo é composto por doutores/pesquisadores; pós-graduandos em nível de doutorado e mestrado, e ex-pós-graduados. Os membros do grupo têm como meta informar, divulgar e socializar os resultados de pesquisas sobre a sexualidade na pós-modernidade.” (Integrante do Sexualidade & Vida)

Percebemos um investimento dos grupos na produção de material didático para a capacitação de profissionais de educação e a socialização dos resultados dos estudos realizados, ou seja, além da formação de novos pesquisadores, há uma preocupação no sentido de que a sociedade se beneficie do conhecimento forjado em suas entranhas.

2. Formação de Pesquisadores.

Para os coordenadores, a formação de pesquisadores ocorre nos seus grupos de pesquisa, embora tenhamos observado uma diferença entre aqueles grupos vinculados à Pós-Graduação e aqueles que não estão inseridos em um

programa. Entre os primeiros, há vários exemplos de como esta formação acontece:

“A criação e implantação pelo Grupo EDUSEX em 1996 de um curso de Especialização em Educação Sexual o primeiro no Brasil, foi um marco para este trabalho de “construir” pesquisadores, com 120 alunos concluintes e 120 produções monográficas concluídas. [...] acho que a metodologia de trabalho que criamos coletivamente tem contribuído sobremaneira para a formação de pesquisadores na área. Por exemplo, ex-alunas de graduação, que tiveram a disciplina sensibilizadora no curso de pedagogia, foram bolsistas de Iniciação Científica, ou de extensão, ou monitoras de ensino, depois Especialistas em Educação Sexual pelo curso lato sensu, depois Mestres em Educação, na UDESC, ou em outros Programas, e hoje são doutorandas, orientam já outros alunos em Trabalhos de Conclusão de Curso, em monografias, incluíram o tema em seus espaços pedagógicos de trabalho [...]. Escrevem, publicam, participam ativamente de eventos na área com trabalhos apresentados, no Brasil e fora dele, participam da organização de grandes e produtivos eventos... O Grupo EDUSEX, em 2004, articulado com os objetivos do Curso de Pedagogia da FAED-UDESC, propôs nos órgãos devidos, e foi atendido, para que houvesse uma vaga específica em Concurso Público para professor da disciplina Educação e Sexualidade, que nascera optativa no currículo e que estimulava o nascimento de uma obrigatória na primeira fase da grade curricular da época (além da permanência da optativa estar mantida!) O concurso foi realizado (segundo nos consta o primeiro nesta perspectiva na América Latina) e o primeiro lugar, e a vaga, foi conseguido com brilhantismo, por uma ex-aluna do Curso de Pedagogia, Especialista em Educação Sexual pela UDESC, então já Mestre pela PUCAMP e Doutora pela UNICAMP, pesquisadora oriunda da “casa”, nossa querida Edna Aparecida da Silva, de saudosa memória, que tão precocemente nos deixou, mas que marcou profundamente todos e todas aqueles com quem conviveu, pelas sementes emancipatórias que plantou, pelo ser humano especial que foi e pelo brilhantismo acadêmico.” (Coordenadora do EDUSEX)

“O Grupo contribui na formação de pesquisadores através da linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, e no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental através da linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as).” (Coordenadora do GESE)

Os demais grupos não foram específicos na descrição de como ocorre a formação, no entanto foi possível identificar que as ações de realização e divulgação de pesquisas, a publicação dos resultados e o envolvimento com cursos são atividades comuns a todos, como nos dois depoimentos que seguem:

“Como as discussões sobre sexualidade nas escolas, ainda se faz incipiente no espaço universitário, os/as participantes do NUDISEX têm a oportunidade de discutir,

problematizar, estudar, promover eventos, projetos, encontros e fomentar a temática na universidade e na comunidade educativa, em geral.” (Coordenadora do NUDISEX)

“Desenvolvendo estudos e pesquisas nestas áreas, participando e oferecendo cursos e eventos, bem como trabalhando oficinas de trabalho e publicando em livros e em periódicos científicos nesta área.” (Coordenadora do CAESOS)

Um grupo, que tem uma inserção maior na extensão universitária e não está vinculado à pós-graduação *stricto-sensu*, se manifestou explicando que seus integrantes

“[...] são recém-saídos da Especialização; a contribuição fica no sentido de ajudá-los a se encaminhar para o Mestrado.” (Coordenadora do CIPRESS)

Como verificamos com os grupos da UNESP, também os grupos externos, possuem um conjunto de ações planejadas, organizadas e sistematizadas que os levam a dar uma efetiva e variada formação de novos pesquisadores do campo da Sexualidade e da Educação Sexual.

Na visão dos integrantes aparecem algumas especificações interessantes:

“Contribui através da construção de uma identidade crítica do pesquisador, da troca de conhecimento entre os membros e interação com outros grupos de pesquisa sobre o mesmo tema, além do incentivo a publicações em periódicos e eventos de impacto.” (Integrante do CAESOS)

“Contribui principalmente nas disciplinas sobre Educação Sexual, presenciais e a distância na Faculdade de Educação e no Centro de Educação a Distância, com objetivo de formar educadores reflexivos em relação a construção e reconstrução do seu processo sócio-histórico-cultural de educação sexual. Nessa perspectiva os educadores/educadoras podem compreender o processo de construção da história da sexualidade, especificamente a ocidental.” (Integrante do EDUSEX)

“O GESE conta como integrantes licenciandos, mestrandos e doutorandos que desenvolvem suas pesquisas com as temáticas relacionadas aos corpos, gêneros e sexualidades nos diferentes espaços educativos, com isso promovem, em algumas de suas ações, grupos focais, entrevistas, entre outras metodologias para discussão de tais temáticas com outros profissionais da educação. O Grupo também contribui na formação de pesquisadores através da linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências.” (Integrante do GESE)

“As pesquisas orientadas pela Profa. Dra. Maria Alves são todas conduzidas através da metodologia qualitativa fenomenológica. Essa escolha deve-se aos pressupostos epistemológicos, assim como aos percursos metodológicos que esse método oferece

para conduzir com rigor científico o desvendamento e a elucidação das diversidades das expressões das sexualidades contemporâneas. Esse trabalho se estende à educação sexual quando propomos o diálogo reflexivo com a escola e a família no sentido de viabilizarem projetos de educação sexual que possam esclarecer questões acerca da sexualidade humana.” (Integrante do Sexualidade & Vida)

São ressaltados pontos subjetivos de formação, como a reflexão e a criticidade, envolvimento da comunidade e o intercâmbio com outros grupos.

3. Contribuição dos grupos para a sistematização dos saberes em sexualidade.

Por meio das pesquisas de pós-graduação e pela participação em eventos científicos, cuja divulgação pôde ser verificada na Plataforma Lattes, com a análise do currículo de seus coordenadores, temos clareza que os grupos envolvidos nesta pesquisa têm dado significativa contribuição para a sistematização do conhecimento sexual no país.

Alguns grupos descrevem com maior precisão como esta sistematização ocorre:

“Reforçando o caminho pelo desenvolvimento rigoroso das pesquisas de cunho científico e da busca da excelência acadêmica no registro dos resultados. Na busca do estabelecimento de uma rede profícua, respeitosa e ética com grupos de pesquisa nacionais e estrangeiros que tratam da temática, no entendimento que só se cresce junto, em trocas dialógicas concretas. Dizemos sempre que não adianta um grupo de pesquisa estar “individualisticamente” à frente dos estudos sobre o tema, como uma locomotiva acelerada sem fazer parte do comboio concreto que é a produção de conhecimentos, sob pena de esgotar-se em sua endogamia. Procuramos evitar essa abordagem.” (Coordenadora do EDUSEX)

“O Grupo de Pesquisa nos últimos anos tem contribuído através de uma grande produção teórica refletida nas publicações do GESE, como livros, CDs, divulgação das pesquisas em periódicos, palestras e eventos.” (Coordenadora do GESE)

Seus integrantes especificam quais as as atividades dos respectivos grupos e mostram estar a par das realizações e de como seu grupo efetiva a sistematização do conhecimento sexual ali produzido:

“As ações do nosso Grupo de Pesquisa cujo foco é a tríade ensino, pesquisa e extensão, todas estão voltadas para sistematização de saberes a respeito da sexualidade e concomitantemente da educação sexual que militamos. Os programas de rádio, o diálogo com outros GPs, a participação em eventos, as disciplinas ministradas, as oficinas e cursos de capacitação e formação continuada na nossa compreensão contribuem para a sistematização de saberes em sexualidade. Particularmente hoje pensamos nas interfaces tecnologias e educação sexual.” (Integrante do EDUSEX)

“Penso que não só na elaboração, execução e divulgação dos resultados da investigação científica, mas também compreendendo as diversas expressões da sexualidade contemporânea e compartilhando idéias, projetos que se articulam na nossa prática profissional. Nosso compromisso é de socializar o discurso da sexualidade.” (Integrante do sexualidade & Vida)

“Com a produção de monografias, dissertações e teses discutindo tal temática em diferentes contextos. Também teve a possibilidade de produzir materiais didáticos, como livros e DVDs, que abordam tal questão da seguinte forma: Livros (foram produzidos quatro livros que apresentavam textos de alguns/algumas pesquisadores/as que trabalham com tais temáticas, sugestões de atividades para discussão da sexualidade na escola, relatos de experiências e artefatos culturais; DVD: apresenta um quiz, glossário, cenas da vida e curiosidades.” (Integrante do GESE)

4. Importância do grupo na universidade.

As opiniões expressas pelos coordenadores e integrantes dos grupos de pesquisa externos voltam sua importância para o investimento em pesquisas, os trabalhos de extensão à comunidade e a formação de pesquisadores reflexivos, tendo uma visão clara e positiva de suas atividades:

“Temos já muitos anos de “casa”, num trabalho pioneiro e consistente, reconhecido internacionalmente, mas ainda hoje, muitas vezes, sentimos “na carne” o velho ditado popular: casa de ferreiro, espeto de pau... Apesar de já termos, por exemplo, conseguido “falar” sobre a temática, com os 19000 pedagogos formados pela UDESC, via ensino e extensão, apoiados pelas pesquisas e material produzido, inclusive com nosso Caderno Pedagógico, por exemplo, também em Braille, ainda não é parte da grade curricular das nossas outras licenciaturas a disciplina intencional

sensibilizadora, que é parte importante de nossa caminhada.” (Coordenadora do EDUSEX)

“[...] penso que serve para reunir pessoas que trabalham na Universidade com pessoas que trabalham em instituição da rede pública ou municipal de ensino...” (Coordenadora do CIPESS)

“Considero de grande importância a presença do grupo de pesquisa dentro da Universidade, pois pretendemos aprofundar os estudos na área da sexualidade e diversidade sexual e divulgar para o público acadêmico. Além de acolher novos interessados nas discussões e estudos voltados a esse tema.” (Integrante do NUDISEX)

Como na análise feita com os grupos da UNESP, os participantes dos grupos externos também se sentem sujeitos ativos, integrados e participantes da construção de um saber relevante.

5. Contribuições do grupo para a formação dos seus integrantes.

Os grupos de pesquisa têm especificidades ao formar seus integrantes, seja como novos pesquisadores, seja como educadores com potencial para trabalhar com a temática da sexualidade na rede de ensino. Esta formação é dada de forma diferente em cada grupo, no entanto os respondentes apontaram estudos específicos, participação em pesquisas, internacionalização e intercâmbios e organização de eventos, como atividades que contribuíram para a sua formação:

“Criando disciplinas para a discussão do assunto e divulgação desse conhecimento, além de promover participação conjunta de eventos, publicações, etc.” (Coordenadora do CAESOS)

“O GESE vêm contribuindo propiciando que os alunos participem de pesquisas, possibilitando um conhecimento teórico sobre o tema, conhecendo metodologias de pesquisas, incentivando a escrita de textos e a apresentação dos resultados das pesquisas em eventos. Além da pesquisa o grupo tem investido na formação inicial e continuada de professores/as contribuindo para que a temática sexualidade seja um componente curricular na escola e não apenas um conteúdo a ser ministrado em uma

disciplina de ciências ou biologia, ou um assunto mencionado quando existe um problema na escola como gravidez.” (Coordenadora do GESE)

“Não tem sido possível constatar benefícios extensivos aos alunos da graduação, a não ser a possibilidade de participação nos eventos que organizamos, que, normalmente, são um por semestre.” (Coordenadora do CIPESS)

O baixo investimento na formação de educadores sexuais e o precário oferecimento de disciplinas nos currículos oficiais dão aos grupos de pesquisa a condição de único baluarte institucional que pode suprir esta carência e formar profissionais capacitados para atuar na área, como exemplifica a resposta abaixo:

“Nos cursos de Licenciatura, especialmente na Pedagogia, não se tem uma disciplina sobre sexualidade e educação sexual escolar elencada na grade curricular, nem como optativa. Assim, as nossas discussões podem propiciar elementos importantes à área e à futura atuação profissional.” (Coordenadora do NUDISEX)

Como ocorre na UNESP, também nas universidades que possuem grupos de pesquisa sobre Sexualidade e Educação Sexual, percebemos o quanto a institucionalização deste conhecimento de forma organizada e sistematizada tem contribuído para a consolidação da área e para o reconhecimento social e acadêmico de sua relevância.

6. Percepção sobre os estudos atuais sobre Sexualidade e Educação Sexual no Brasil.

As respostas obtidas para este tópico objetivavam verificar se os grupos de pesquisa externos eram produtores de conhecimento sobre Sexualidade e Educação Sexual, ou apenas utilizavam o saber produzido em outras

instituições, considerando os estudos atuais no Brasil e sua condição de formadores de novos pesquisadores.

Os estudos atuais foram considerados avançados, com bastante publicação, realizados por grupos sérios e interessantes.

Para as coordenadoras do NUDISEX e do GESE, percebemos

“[...] que muito se tem produzido sobre sexualidade e educação sexual no Brasil. Há muitos grupos de pesquisa, estudos e eventos científicos na área. O que implica na importância da integração desses grupos, fortalecendo o estudo da área. Porém, há muito que se fazer ainda, objetivando a implementação da Orientação Sexual nas escolas.” (Coordenadora do NUDISEX)

“Nos últimos anos têm se intensificado os estudos sobre sexualidade e educação sexual visto o número de dissertações e teses, criação desse eixo temático em eventos, aumento de artigos em periódicos, como também a atuação do Ministério da Educação que vem incentivando através de editais a formação continuada e inicial nessa área.” (Coordenadora do GESE)

A coordenadora do CIPESS é mais específica, quando afirma que

*“[...] fica difícil fazer uma avaliação ampla de todo o quadro das pesquisas na área da sexualidade e educação sexual no Brasil. Isto requer a elaboração de pesquisas do tipo Estado da Arte, que por sinal, tem se mostrado urgente; só ela asseguraria um parecer fundamentado e com qualidade. Sou autora do primeiro Estado da Arte sobre Educação Sexual no Brasil, abrangendo o período de 1980 a 1993 – minha Dissertação de Mestrado, realizada na USP e concluída em 1995. Este trabalho deu origem ao livro **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio** (publicado pela EDUEL). Um outro Estado da Arte, neste campo, foi realizado na Dissertação de Mestrado **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola**, de autoria de Regina Célia Pinheiro da Silva (UNICAMP, 2004). Contudo, pelo que vejo em resumos apresentados em eventos, e mesmo pelo que vejo de alguns trabalhos de Mestrado, o arcabouço teórico da educação sexual é apresentado de modo fragilizado, sem que os estudiosos cuidem de partir do que já foi construído no campo teórico do conhecimento. Vejo que não há, em vários trabalhos, o cuidado em referenciar corretamente, assinalando, devidamente, autores/idéias.” (Coordenadora do CIPESS)*

Os integrantes dos grupos externos demonstram conhecimento da trajetória da produção na área, destacando alguns pontos que divergem entre si mas correspondem à realidade dos grupos de pesquisa e de como estes grupos processam a aquisição dos saberes sexuais:

“Nos últimos anos houve um aumento quantitativo e qualitativo de estudos sobre este tema, o que demonstra a importância do assunto em questão.” (Integrante do CAESOS)

“Acredito que os estudos sobre sexualidade vêm crescendo e como mencionei anteriormente, ao discutirmos acerca dessa temática em diversos espaços ela passa a não ser entendida como um tabu, como algo feio e proibido ou ainda apenas relacionada ao ato sexual, a sexualidade vem sendo entendida por alguns estudiosos dessa temática como um conceito mais amplo, que envolve crenças, tabus, mitos, entre outras questões.” (Integrante do GESE)

“Embora, tenha-se avançado na conquista de espaços para o desenvolvimento de atividades relativas à sexualidade, como por exemplo, a sugestão dos PCN entre os Temas Transversais, percebe-se que as Políticas Públicas Nacionais estão mais direcionadas a questões de gênero e homofobia, deixando algumas lacunas no todo do processo sexual do existir humano.” (Integrante do EDUSEX)

“No Brasil como no mundo ainda é muito polêmico falar de sexualidade por todo significado que se atribuiu a ela, no entanto os estudos estão cada vez mais vigentes e aprofundado nessa área professores e pesquisadores já perceberam que a sexualidade faz parte do cotidiano escolar, e esta todo o dia na vida de todos, com isso os estudos estão mais bem desenvolvidos e vigentes com livros, palestras, oficinas, seminários, congressos e etc, porém ainda assim é necessário uma mobilização para que esse assunto seja incluído nos currículos escolares e principalmente na formação de professores.” (Integrante do GESE)

“Os estudos têm sido feito e as questões continuam a ser debatidas, mas acho que muito ainda precisa ser feito na efetivação de um trabalho nas escolas e com a família. A sexualidade merece atenção especial por parte dos educadores, especialmente nas situações institucionais, como discussões dos aspectos que ainda trazem receios aos educadores sobre a sexualidade, para que possam estabelecer com os alunos e pais, um diálogo para compreenderem e lidarem melhor com as múltiplas vertentes da sexualidade.” (Integrante do Sexualidade & Vida)

“Penso que já caminhamos bastante nessa área, principalmente quando pensamos em um I Congresso Brasileiro de Educação Sexual e vemos que reunimos o número de pesquisadores renomados e iniciantes que conseguimos reunir. Certamente que precisamos fortalecer ainda mais os estudos sobre sexualidade e educação sexual, pois ainda encontramos inúmeras resistências e não temos na maioria dos cursos de licenciatura o espaço para disciplinas obrigatórias que se debruçam em reflexões sobre sexualidade e educação sexual.” (Integrante do EDUSEX)

São exemplos do papel das universidades na difusão e sistematização do conhecimento sexual, assim como na possibilidade de oferecimento de

alternativas de ações efetivas junto às redes oficiais de educação e saúde para o desenvolvimento de trabalhos junto à comunidade, notadamente as temáticas de relevância social que são parte das investigações dos grupos relacionadas ao combate à homofobia e à desigualdade de gênero.

Da mesma forma que os grupos de pesquisa da UNESP, os grupos externos também têm conhecimento da produção atual na área da sexualidade e estão conscientes de que são produtores desse saber.

7. Relação entre os integrantes do Grupo.

Um quesito importante é saber como os integrantes dos grupos se relacionam, e em que medida o entrosamento entre eles contribui para sua formação e aperfeiçoamento. Tranqüilidade, harmonia e cooperação são adjetivos usados pelos respondentes, e observamos que há uma preocupação com o trabalho integrado e a troca de experiências, em que os iniciantes são auxiliados pelos membros mais antigos e titulados em um clima de respeito e igualdade.

Por exemplo,

“Todos os integrantes do GESE atuam nos projetos de pesquisa como também nos projetos de extensão. A relação dos alunos de maior titulação tem atuado orientando alunos de iniciação científica nas suas diversas atividades como escrita de trabalhos para eventos, orientação nas análises de pesquisa.” (Coordenadora do GESE)

“A relação dos/as alunos/as com maior titulação, a nosso ver, é de igualdade. Quase todos/as os/as integrantes do grupo desenvolvem projetos de pesquisa (PIC e PIBIC), ou de ensino e extensão na área de sexualidade e educação sexual.” (Coordenadora do NUDISEX)

Os integrantes também têm opinião semelhante às emitidas pelos coordenadores, demonstrando o quanto para eles é importante haver colaboração e respeito no grupo:

“O grupo trabalha como uma verdadeira equipe, todos, sem distinção de titulação participam dos encontros de estudos teóricos e também das pesquisas e projetos desenvolvidos no grupo de pesquisa, pois entendemos que a participação de todos nos trabalhos desenvolvidos no grupo é importante, pois um aluno da graduação, por exemplo, amanhã será um mestrando e viver a experiência da pesquisa, antes mesmo de estar completamente imerso é extremamente enriquecedor para a sua formação docente.” (Integrante do GESE)

“No grupo EDUSEX há uma constante preocupação em se socializar os conhecimentos adquiridos para melhor crescimento do grupo. A relação dos profissionais de maior titulação com os iniciantes acontece de forma dialógica e bastante incentivadora, principalmente por parte da nossa coordenadora.” (Integrante do EDUSEX)

“Temos um e-mail de grupo, onde compartilhamos novidades, notícias, informações, participações do grupo no meio científico. Também temos um site sexualidade & vida <http://www.sexualidadevida.com.br>, forma de socializarmos várias atividades do grupo como: comunicação e participação em eventos, dicas de leitura, artigos, entrevistas e outras ferramentas como: boletins online e o nosso blog <http://pesquisasexualidadevida.blogspot.com> A Dra. Maria Alves Bruns, na qualidade de líder do grupo, tem a proposta (que vem ocorrendo) de oferecer oportunidades iguais a todos os membros, assim mantemos um bom relacionamento. Anualmente, realizamos uma reunião científica do grupo.” (Integrante do Sexualidade & Vida)

Os grupos têm componentes com diferentes titulações mas todos trabalham de forma integrada em que a troca de idéias é constante, e associada aos aspectos já assinalados, proporciona uma melhor aprendizagem e crescimento para cada integrante e para o grupo como um todo.

8. Atuação junto aos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

A atuação dos grupos externos junto aos cursos de Graduação e Pós-Graduação ocorre de maneira semelhante a dos grupos da UNESP,

dependendo da vinculação que o grupo têm com seus programas de pós-graduação e da aceitação dos professores da graduação para que sejam inseridas ou oferecidas disciplinas nos currículos dos cursos. Além do ensino, há também um trabalho desenvolvido em nível de pesquisa e extensão, e os projetos em andamento têm a participação de alunos das duas categorias, como exemplificado nos depoimentos abaixo:

“O Grupo de Pesquisa ainda está sendo organizado, porém muito/as discentes têm nos procurado, por causa da temática estudada, principalmente por não estudarem esse assunto em sala de aula.” (Coordenadora do NUDISEX)

“Temos uma atuação intensa na pós-graduação através da linha de pesquisa já mencionada. Foram formados até agora 13 mestrandos, e estão em formação 5 mestrandos e 8 doutorandos. Na graduação temos [inserção] nos cursos de Pedagogia e Biologia.” (Coordenadora do GESE)

Um dos grupos tem inserção apenas na Especialização:

“Apenas junto à Especialização Lato Sensu que há uma influência no sentido de incluir, no Grupo de Pesquisa, os novos alunos da Especialização que tenham interesse em pesquisar sobre sexualidade e educação sexual.” (Coordenadora do CIPESS)

As opiniões dos integrantes complementam a análise feita, pois há uma maior especificação de como percebem a atuação de seu grupo:

“Na graduação o grupo atua através dos cursos de extensão oferecidos aos alunos e alunas da nossa universidade a fim de problematizarmos as questões de corpos, gêneros e sexualidades, muitas vezes não discutidas com esses/as alunos/as em outros momentos e disciplinas do curso de graduação. Já na pós graduação as articulações acontecem por meio da professora Paula, que integra a equipe de docentes de dois programas da universidade, fazendo assim com que as discussões sobre as temáticas de sexualidade estejam presentes em diversos eventos da FURG.” (Integrante do GESE)

O grupo mais novo, criado no ano passado, ainda não tem uma inserção abrangente, mas caminha em direção a uma integração maior:

“Como é um grupo iniciante, não cabe avaliar a dimensão da atuação. É importante dizer que atuamos frequentemente com o curso de Pedagogia, Direito, professores do PDE, alunos de pós-graduação, e professores formados pelo curso de Pedagogia, no que tange o convite a participação no grupo e a já participação. Nossa pretensão é de

divulgar o grupo para acolher novos integrantes e interessados na temática.”
(Integrante do NUDISEX)

Como ocorre na UNESP, observamos a inserção dos grupos de pesquisa externos no ensino de graduação e nos programas de pós-graduação existentes em suas universidades, mas pelas respostas dadas inferimos que a participação existe mais no nível da pesquisa e da extensão do que no oferecimento de disciplinas, mas, de forma geral, a atuação dos grupos junto aos alunos e cursos é realizada de forma muito satisfatória. A única disciplina efetiva e regularmente oferecida na pós-graduação é dada pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade & Vida.

9. Divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Grupo.

A divulgação dos trabalhos desenvolvidos nos grupos de pesquisa externos é feita com regularidade e abrangência, atingindo tanto o público acadêmico quanto o público leigo, e como na análise feita no capítulo anterior, esta divulgação foi verificada na Plataforma Lattes, do CNPq, no currículo de seus coordenadores e integrantes.

São assinaladas a participação em eventos científicos e a publicação em periódicos e livros, geralmente organizados pelas coordenadoras dos grupos. Os trabalhos são apresentados em alguns dos eventos nacionais de maior repercussão e importância, como ENDIPE, ANPED, ANPED-Sul, Seminário “Corpo, gênero e sexualidade” e Seminário “Fazendo Gênero”.

Das respostas dadas nos questionários, a mais completa foi a da coordenadora do EDUSEX, que especificou que a divulgação da produção de seu grupo é feita

“em eventos, revistas, livros, rádio, TV, sites, ambientes virtuais de aprendizagem, etc.. Enfim, em tudo que seja viável para sensibilizar o público sobre a temática e ajudar a estabelecer o tão necessário diálogo crítico e sensível. Brincamos que, se for necessário e possível, usaremos até sinais de fumaça... Ou telepatia, se chegarmos a isto. O YOUTUBE, com certeza, nos aguarda... Tudo isto deve ser entendido como meios para divulgar aquilo que acreditamos ser uma proposta emancipatória, que busca sensibilizar a todos e todas sobre as possibilidades reais de autonomia com reponsabilidade no que se refere a maravilhosa e inseparável dimensão humana da sexualidade, especialmente no que se refere à formação intencional de educadores. [É importante] que se percebam educadores e educadoras sexuais uns dos outros e que queiram aperfeiçoar esse desvelamento, buscando construir práticas pedagógicas mais humanizadas e humanizadoras. Os meios refletem o eixo paradigmático de quem os usa, mesmo que se apresentem como neutros. Nós assumimos claramente o time para o qual torcemos, em todos os nossos materiais.” (Coordenadora do EDUSEX)

10. Internacionalização.

Os grupos de pesquisa externos ainda não estão internacionalizados, ainda que tenhamos percebido ações iniciais isoladas de intercâmbios com pesquisadores estrangeiros.

A consideração feita pela coordenadora do EDUSEX é a única que vai além de uma resposta formal explicando que o grupo não é internacionalizado:

“[...] entendemos que ainda não no nível institucional desejado. Com Portugal e com a Espanha temos parcerias em trabalhos pontuais, com excelentes pesquisadores com os quais temos muitos pontos em comum. As parcerias tem se estabelecido mais por esforço pessoal de membros de nosso grupo, apesar de termos convênios padrão com várias instituições com as quais o grupo trabalha no nível acima citado. Termos aditivos foram tentados mas não avançaram, talvez pela temática desenvolvida no EDUSEX, pois apesar de termos mais de 20 anos de trabalhos, o tema ainda é considerado como ‘não tão acadêmico’!!!”

Comparando os grupos de pesquisa externos com os grupos da UNESP, percebemos a existência de muitos aspectos comuns, com muito mais semelhanças do que diferenças. Estes grupos estão institucionalizados, com

participação ativa e reconhecida em suas universidades, são consolidados e desenvolvem pesquisas com relevância social e científica.

Constituem importantes centros de formação de recursos humanos, colaboram com os serviços públicos de educação e saúde, e oferecem subsídios teóricos e de intervenção na área da Sexualidade e da Educação Sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

DISCUSSÃO

Os Estudos da Sexualidade, como área de conhecimento das Ciências Humanas, parecem existir de fato, como mostra os inúmeros trabalhos de pesquisa e a forte atuação nas relações de ensino, pesquisa e extensão revelados pelos integrantes de vários grupos de pesquisas, foco desta investigação. No âmbito da academia hoje, os estudos desta área extrapolam a vertente biológica e médica tão presente em seu nascimento e responsável pelo surgimento da Sexologia (FOUCAULT, 1984, 1993, 2002; LOYOLA, 1998; USSEL, 1980). Podemos afirmar a partir dos relatos sobre as produções dos grupos de pesquisa investigados, que hoje não se nega mais a interdisciplinaridade nos Estudos da Sexualidade, verificada nas pesquisas desenvolvidas no seio desses grupos, que encontram-se no campo da educação, da psicologia, da antropologia, da história, da sociologia, também da medicina e da biologia, se baseando, sobretudo, em um conceito amplo de Sexologia e Educação Sexual, tal como descrevem em suas obras Ribeiro (2004), Figueiró (2009), Maia (2001), Loyola (1998).

Sabemos que a sexologia foi consolidada como área das ciências no século XIX, tal como comentam Carrara (1997), Schwarcz (2000), Boarini (2003), Loyola (1998) e Porter e Teich (1998). Entre os vários estudos sobre sexualidade e educação sexual encontrados nas pesquisas bibliográficas brasileiras, poucos são aqueles que se referem aos próprios grupos que

lideram as pesquisas na área. Não obstante, constituem fonte de contribuições para a consolidação do conhecimento sexual. Loyola (1998) e Heilborn (1999) tratam da inserção do conhecimento sexual nas ciências humanas de modo geral. Carrara (1997), Carrara; Russo (2002), Reis; Ribeiro (2004) e Ribeiro (2004) realizaram estudos sobre a historiografia da educação sexual no Brasil e verificaram que as primeiras décadas do século XX constituem o período em que a sexualidade e a educação sexual se destacam como campo do saber, todavia, segundo, Nunes e Silva (1999) uma historiografia nessa área ainda está por ser feita.

Ou seja, se por um lado temos referências sobre a institucionalização dos saberes em geral e sobre a construção do conhecimento sexual, mas pouco se conhece sobre a atuação de grupos de pesquisas específicos nesta área, inseridos no espaço da universidade, por se tratar aqui de um local importante onde os saberes são institucionalizados.

Os grupos de pesquisas investigados, refletem de fato aquilo que os definem, uma organização em que os pesquisadores voltam-se para o mesmo objeto de estudo (Coelho, 2007), com o reconhecimento de universidades e órgãos de fomento e isso, segundo Miorin (2006) e Marafon (2006) contribui para a consolidação da pesquisa e para a formação de inúmeros pesquisadores. Constituem-se, como afirma Yázigi (2005), em espaços importantes para o fortalecimento de atividades científicas. No entanto, a inserção de fato desta área do saber nas universidades ainda se defronta com dificuldades e limites. Talvez essa dificuldade retrate a história de repressão que ronda as práticas sexuais, relacionada aos dogmas morais e religiosos (CHAUI, 1985).

Estes grupos têm por objetivo formar pesquisadores na área da Sexualidade e da Educação Sexual, privilegiando o conhecimento sistematizado e organizado por meio de estratégias de ratificação desta área no campo intelectual. Partindo da teoria de Pierre Bourdieu, entendemos que o campo intelectual é constituído por forças hegemônicas em permanente conflito de interesses e de poder onde, para se consolidar um campo de saber, é preciso ter um espaço, e para consegui-lo é necessário um grupo cujas ações se materializem em produções, reuniões, publicações, entrevistas, enfim, um conjunto de atividades reconhecidas e valorizadas que legitimem a autoridade científica desse grupo.

Por outro lado, a autoridade científica é um importante objeto que se busca na universidade, e é interessante perceber nos depoimentos a existência de uma luta simbólica em que os grupos de pesquisa buscam ter a legitimidade reconhecida no meio universitário. Esta legitimidade intelectual será alcançada por meio de muita luta, no caso, uma luta simbólica em que relações de força intelectual se batem e é a forma que os professores dos grupos de pesquisa buscam a consolidação de sua área.

Pensando no que ensina Bourdieu, “é o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos” (ORTIZ, 1983, p. 126). Ou seja, pesquisadores à frente de grupos de pesquisa que se dedicam ao estudo de temas não convencionais e pouco reconhecidos, mesmo que consolidados, têm de encarar uma disputa entre seus pares.

As ações desenvolvidas nestes grupos materializam as estratégias tanto de manutenção do estatus quanto do poder simbólico. Afinal, a universidade, com suas lutas concorrenciais, hierarquiza, no seu interior, os objetos legítimos que se espera que sejam estudados, que sejam dignos de interesse e de investimento intelectual. Da mesma forma que estabelece seus critérios de excelência, dando destaque e valor para as Ciências Biológicas e Exatas em detrimento das Humanidades, também impõe uma grande diferenciação na relevância social e mesmo científica entre a Educação com suas temáticas tradicionais e os estudos da Sexualidade e Educação Sexual. Dessa forma, as áreas de Educação, Psicologia, Sociologia, por exemplo, são necessárias e legítimas, enquanto que a Educação Sexual é considerada um saber, no mínimo, de “segunda categoria”, sem ser possuidora de um conteúdo científico legítimo.

Das várias disposições utilizadas como estratégias⁷, algumas delas são exemplificadas no depoimento a seguir e são colocadas dentro do grupo para legitimá-lo:

“É um grupo ativo, com potencial, internacionalizado, que está totalmente apto para desenvolver pesquisas, estudos e extensão à comunidade no campo da sexualidade e da educação sexual, visando contribuir para a formação de pesquisadores para as universidades e centros de pesquisa do Brasil e do exterior; para o aperfeiçoamento da qualidade dos setores sociais da administração pública nas áreas de Educação e Saúde; capacitar recursos humanos vinculados ou com possibilidades de vinculação nos serviços públicos de educação e saúde, universidades e faculdades.”
(Coordenador do NUSEX)

Podemos dizer que no geral, as áreas de pesquisa predominantes nos grupos de pesquisas estudados foram: *Sexualidade e Desenvolvimento Humano (Infância, Deficiência), Diversidade Sexual, História da Educação*

⁷ Ações que têm por objetivo manter ou ratificar o grupo enquanto um espaço legitimado de estudo, trabalho e pesquisa.

Sexual, Formação de Educadores Sexuais, Violência, Saúde e Prevenção às DSTs/Aids. Em alguns grupos a ênfase é a saúde sexual, em outros é a educação sexual, mas em todos os casos a temática central é norteadada por discussões sociais e éticas importantes no cenário da sociedade inclusiva atual.

Os grupos de pesquisa foram criados num intervalo extenso, entre um ano de criação até 30 anos de existência. Nos grupos internos à UNESP a criação dos grupos é mais recente, embora as diferenças no funcionamento, organização, inserção social e publicação não sejam significativas. Podemos dizer que pelo tempo de existência dos grupos unespianos em comparação aos demais, a produtividade dos mesmos se equipara ou mesmo os excede em muitos casos.

Infelizmente, deve-se destacar que a maioria dos grupos foi criada à partir de iniciativas isoladas de seus coordenadores ou de parcerias entre coordenadores, e não reflete uma proposta da instituição vinculada antes aos cursos de graduação ou pós-graduação. Ao contrário, é a existência dos grupos que incentiva e muitas vezes, possibilita a inserção desta discussão nos cursos de formação já existentes nas universidades.

Em todos os grupos há a participação de integrantes em diferentes níveis de ensino, o que é uma prerrogativa recomendada na formação de pesquisadores. Também podemos comentar que as diversas atividades dos grupos são permeadas de bons relacionamentos entre seus integrantes, com colaboração e respeito o que, sabemos, facilita qualquer ação educativa.

Neste sentido, os grupos aglutinam o interesse de pesquisadores em vários níveis, desde os iniciantes (iniciação científica) até os mais

amadurecidos, como os pós-doutorandos, evidenciando uma importante rede de formação de pesquisadores na área. Vale destacar que muitos destes projetos de pesquisas são financiados por importantes órgãos de fomento, como Fapesp, Capes, CNPq que reconhecem a importância dos trabalhos realizados, embora, curiosamente, não tenham em seus domínios a área específica da Sexualidade e Educação Sexual.

Do mesmo modo, nem sempre as próprias universidades reconhecem a importância dos grupos, mas também neste caso, consideramos as diferentes realidades em que esses grupos atuam: curso, cidade, departamento, área temática etc. Sem dúvida, o apoio de dirigentes das universidades no que tange aos auxílios financeiros e estruturais é fundamental na visibilidade e funcionamento dos diferentes grupos.

Quanto ao funcionamento, os grupos de pesquisa investigados mostraram-se bastante semelhantes realizando reuniões de estudo, orientação de pesquisas, promoção de eventos, participação em congressos etc.

Os grupos de estudos vêm, a nosso ver, suprir a lacuna de formação que existem nos cursos de graduação em geral, como afirmam Leão (2009) e e Maia (2004), ou seja, acabam por contribuir sobremaneira no embasamento teórico necessário para o desenvolvimento das demais atividades. Muitos integrantes do grupo se inserem no mesmo e manifestam interesse em desenvolver pesquisas na área, após participar de estudos teóricos que carecem em outros momentos de sua formação acadêmica. Os grupos também oferecem outros momentos de educação continuada como projetos de extensão, cursos de especialização que suprem, de certa forma, a formação carente nos cursos de graduação em geral.

Assim, muitos grupos agem e visibilizam a temática, bem como divulgam sua importância, influenciando, muitas vezes, a criação de disciplinas obrigatórias e optativas nos cursos de formação, por exemplo, no caso dos grupos unespianos *GESEXs* e *NUDISE*. Mas, a inclusão de disciplinas e/ou de linhas de pesquisas em programas de pós-graduação já não parece que ocorreu ou que tem ocorrido nas universidades. São poucos os grupos que podem contar com profissionais professores e pesquisadores que possam compartilhar suas atividades de pesquisa na formação de alunos em cursos de graduação e pós-graduação onde atuam seus grupos de pesquisa. Por exemplo, um grupo atuante como o *NUSEX-Araraquara*, não tem no curso de formação em pedagogia disciplinas nessa temática, como mostram os estudos de Leão (2009) e Costa (2009), no entanto teve este ano, após dez anos de existência, o reconhecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar com a criação da linha de pesquisa *Sexualidade, Cultura e Educação Sexual*.

Nem todos os grupos têm relação com uma pós-graduação e um deles (o grupo de Marília), além da universidade, também é ligado a uma ONG, e enfatizam, sobretudo, a pesquisa. Alguns relacionam as pesquisas aos projetos de extensão e prestação de serviços à comunidade. Também há especificidades quanto à inserção em políticas públicas na área da educação e da saúde, dependendo das oportunidades de financiamentos e projetos regionais e federais para cada um dos grupos.

Todos os grupos são produtivos e divulgam seus estudos e pesquisas por meio de apresentação de trabalhos em congressos e encontros similares, realização de conferências e palestras, publicação de artigos, livros e capítulos

de livros. Além desta divulgação acadêmica, também se voltam para a divulgação em veículos de comunicação de massas, como jornais, revistas, TV, rádio e Internet, cumprindo de certo modo a função social de prestação de serviço ao informar e socializar os resultados de suas pesquisas nesses meios de comunicação. Alguns grupos também preocupam-se com a elaboração de materiais específicos de educação sexual.

Alguns grupos são mais produtivos que outros, mas podemos afirmar que todos contribuem para a sistematização do conhecimento sexual no Brasil. Além disso, mostram-se muito seguros e ativos no trabalho que realizam.

A produção dos grupos, considerando as publicações dos estudos que realizam é bastante expressiva, comparada às demais áreas das ciências humanas. No caso dessas publicações muitas são em co-autoria de docente e discente e, ainda, muitas vezes, entre membros de grupos diversos. Isso revela que o trabalho da área é fortalecido pela parceria entre orientador/supervisor e seus orientandos e, ainda, entre docentes de diferentes grupos que se reconhecem e se valorizam.

As publicações de trabalhos desenvolvidos nos grupos de pesquisa são feitas com regularidade e abrangência, tanto em artigos, capítulos de livros e livros, além das dissertações e teses vinculadas aos programas de pós-graduação. Além disso, em muitos casos, as publicações vinculam-se a eventos nacionais renomados na área. Podemos dizer que no Brasil, os estudos e as publicações em sexualidade e educação sexual aumentaram, mas ainda são insuficientes para representar uma área consolidada nas ciências humanas. Supomos que isso ocorra por anos de história da repressão e preconceito relacionado ao estudo do sexo.

Podemos afirmar que a participação em grupos de pesquisa são importantes para a formação de seus integrantes, constituindo não apenas uma alternativa, mas uma possibilidade efetiva, organizada e sistematizada de formação na área de Sexualidade e Educação Sexual. Esta formação não só atende aos próprios anseios do pesquisador que, muitas vezes, se encontra solitário em suas pesquisas, como na formação de novos e co-pesquisadores.

A internacionalização que evidencia a maturidade acadêmica do grupo aparece de modo mais fortalecido entre os grupos da UNESP, sobretudo pelo NUSEX-Araraquara, embora em alguns casos de grupos externos à UNESP, existam ações isoladas de intercâmbios com pesquisadores estrangeiros, ainda em fase inicial.

As dificuldades elencadas pelos coordenadores de grupos referem-se à falta de apoio de algumas instituições, local e estrutura para seu funcionamento, preconceito e falta de reconhecimento por parte dos pares, pouco investimento em políticas públicas para formação de educadores sexuais de modo geral.

Comparando os grupos de pesquisa externos com os grupos da UNESP, percebemos a existência de muitos aspectos comuns, com muito mais semelhanças do que diferenças. Os grupos, em geral, estão institucionalizados, com participação ativa e reconhecida em suas universidades, são consolidados e desenvolvem pesquisas com relevância social e científica. Constituem importantes centros de formação de recursos humanos, colaboram com os serviços públicos de educação e saúde, e oferecem subsídios teóricos e de intervenção na área da Sexualidade e da Educação Sexual.

CONCLUSÕES

Quando nos propusemos a estudar a institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa, pretendíamos mostrar que o campo da Sexualidade e da Educação Sexual fazia parte do elenco de saberes investigados e considerados relevantes no meio universitário. Os resultados, somados aos das pesquisas mencionadas, contribuíram para que tivéssemos uma visualização organizada e sistematizada da trajetória e consolidação da área da Sexualidade e da Educação Sexual.

Em todos os grupos, podemos considerar que há um conjunto de ações planejadas, organizadas e sistematizadas que os levam a dar uma efetiva e variada formação de novos pesquisadores do campo da Sexualidade e da Educação Sexual. Esses grupos de trabalho têm por objetivo formar pesquisadores na área da Sexualidade e da Educação Sexual, privilegiando o conhecimento sistematizado e organizado por meio de estratégias de ratificação desta área no campo intelectual.

Esperamos que os resultados obtidos possam contribuir para um significativo avanço na consolidação do campo da Sexualidade e da Educação Sexual, tanto enquanto possibilidade de formação de novos pesquisadores quanto na formação de educadores sexuais, já que estes grupos também contribuem para a formação dos alunos, criando um capital cultural legítimo na área da sexualidade, por meio de temas relacionados e atividades regulares, como encontros, leitura de textos e artigos da área. Mas o mais importante é criar nesses alunos, além do capital cultural da área da sexualidade, um *habitus* que privilegie um estudo contínuo, cotidiano e regular.

São atitudes que irão contribuir para a legitimidade da temática sexual, principalmente se levarmos em conta os já mencionados canais que ainda impedem essa legitimidade, como exemplifica o depoimento abaixo, dado pela coordenadora do NUDISE:

“[...] há muitas frentes sendo abertas, em várias metodologias e formas de encarar o desafio de viver as diferenças sexuais e afetivas. Cada dia vemos mais e mais dissertações, teses, linhas de pesquisa, livros, pesquisas quantitativas e qualitativas sendo realizadas. Tanto nas Universidades, como em grupos de pesquisa e por iniciativa governamental (por exemplo o Projeto Gênero, Diversidade e Educação da Universidade Aberta do Brasil/UAB). Mas ainda há muito por fazer, porque a rede de ensino ainda está empobrecida nessa área, nos cursos de Pedagogia ainda não se tornou disciplina obrigatória... e por aí vai.”

Para finalizar, pensamos que talvez a contribuição maior destes grupos possa ser dimensionada no depoimento abaixo, em que os grupos de pesquisa estudados, longe de se constituírem feudos que se isolam em suas instituições de origem, possibilitam que o conhecimento sexual ali gerado possa ser levado e novamente gestado em outros centros:

“Os membros do grupo acabam tendo uma visibilidade maior da vida acadêmica e isso acaba levando-os a buscar em suas práticas uma carreira acadêmica. Muitos mandam seus currículos para universidades, prestam concursos ou se efetivam na universidade inserida; começam a orientar trabalhos científicos e continuam tendo oportunidade de atuar no próprio grupo de forma mais participativa, como a função de vice-líder, participação em bancas, pareceristas de revistas especializadas em sexualidade, psicologia, etc.” (Integrante do Sexualidade & Vida)

Pesquisadores diligentes e dedicados, juntamente com seus orientandos assíduos e perseverantes, se identificam com uma formação, um saber e uma carreira, e possibilitam aos mais novos a busca e o encontro de novos espaços em que continuem a trajetória um dia iniciada.

Podemos concluir que a participação da UNESP e de outras universidades é muito importante na história da institucionalização dos saberes sexuais contemporâneos. A inserção dos grupos de pesquisas investigados na

formação de novos pesquisadores ocorre na graduação e na pós-graduação. Além disso, representam um modo importante de propagar os saberes em sexualidade e educação sexual para a comunidade geral articulando o ensino, pesquisa e extensão em uma área ainda em construção.

Os grupos, ainda que com pequenas diferenças contextuais, estão consolidados e inteiramente aptos para desenvolver pesquisas com relevância social e científica, têm potencial para a construção de um conhecimento específico que pode constituir importante elenco de subsídios teóricos e metodológicos na área para pesquisadores do Brasil e do exterior, inclusive como formadores de opinião e modelo de atuação na comunidade. Em decorrência deste amadurecimento, são importantes centros de capacitação de recursos humanos vinculados ou com possibilidades de vinculação nos serviços públicos de educação e saúde, universidades e faculdades em questões de sexualidade e educação sexual, com condições plenas para o aperfeiçoamento da qualidade dos setores sociais da administração pública nas áreas de Educação e Saúde.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. **As ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Educação sexual: debate aberto**. Petropolis: Vozes, 1982.

BOARINI, M. L. (org.) **Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá, 2003.

CAMPOS, L. F. L. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. Campinas: Editora Alínea, 2000.

CARRARA, S. Sexualidade e sexologia no Rio de Janeiro entre - guerras (notas preliminares de pesquisa). Rio de Janeiro: **Cadernos IPUB**, n.8, 1997, p. 113-128.

CARRARA, S.; RUSSO, J. A. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.9, n. 2, p. 273-290, 2002.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COELHO, C. J. Perguntas e respostas sobre grupos de pesquisa. **Boletim Informativo do Grupo de Pesquisa Matemática Computacional**. Goiânia: Departamento de Computação da Universidade Católica de Goiás, ano 5, n. 9, 2007, in: [http://agata.ucg.br/formularios/NPI/pdf/b2007_1\[2\].pdf](http://agata.ucg.br/formularios/NPI/pdf/b2007_1[2].pdf) (Acessado em 01/11/2009).

COSTA, A. P. **As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

DUARTE, L. F. D.; RUSSO, J. A. R. Institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil (Rio de Janeiro): uma contribuição à Antropologia da pessoa ocidental moderna. In: **Cadernos IPUB**. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nº especial, 1998, p. 157-166.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980-**

1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** I) a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** II) o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** III) o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

GALLACHO, J. C. **A orientação sexual em um trabalho integrado educação e saúde:** estudo analítico descritivo e documental de um programa de intervenção. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Araraquara: Faculdade de ciências e Letras da UNESP, 1995.

GARTON, S. **História da sexualidade:** da Antigüidade à Revolução Sexual. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GOMES, R. A análise de dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 67-80.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual:** mito ou realidade. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

HEILBORN, M. L. (Org.) **Sexualidade:** o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos.** 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

LEITE, S. (comp.) **Cartas do Brasil e mais escritos do padre Manuel da Nóbrega.** Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1980.

LOYOLA, M. A. **A sexualidade nas ciências humanas.** Rio de Janeiro: Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

MACHADO, R. et al. **(Da) nação da norma:** medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAIA, A. C. B. Sexualidade: reflexões sobre um conceito amplo. In: **SBPN – Scientific Journal**, n. 1, v. 5, 2001, p. 45-48.

MAIA, A. C.B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 153-179.

MARAFON, G. J. Grupos de pesquisa e a formação de profissionais em geografia agrária. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA: agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais, II., 2006. Uberlândia. **Anais...** Uberlândia:UFU, 2006. CD-ROM.

MIORIN, V. F. Novas motivações na formação de profissionais em geografia agrária proveniente de grupos de pesquisa e do comprometimento das IES no desenvolvimento regional. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA: agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais, II., 2006. Uberlândia. **Anais...** Uberlândia:UFU, 2006. CD-ROM.

NUNES, C. A.; SILVA, E. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J. C. (org.) **Pesquisa em educação:** história, filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados – HISTEDBR; Caçador: UnC, 1999, p. 162 – 177.

ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu:** sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.39).

PARKER, R. G. **Corpos, prazeres e paixões:** a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora Bestseller, 1991.

PORTER, R.; TEICH, M. (Orgs.) **Conhecimento sexual, ciência sexual:** a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 27-71.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: E.P.U., 1990.

RIBEIRO, P. R. M. Primórdios do ensino e da pesquisa em psicologia no Brasil: os laboratórios experimentais. In: **DOXA – Revista Paulista de Psicologia e**

Educação. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL – UNESP, v. 3, n. 1 e 2, 1997, p. 32-46.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual:** apontamentos para uma reflexão. São Paulo: Laboratório Editorial UNESP/Araraquara; Cultura Acadêmica Editorial, 2002.

RIBEIRO, P. R. M. A criança brasileira nas primeiras décadas do século XX: a ação da higiene mental na psiquiatria, na psicologia e na educação. In: BOARINI, M. L. (Org.) **Higiene e raça como projetos:** higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003, p. 71-96.

RIBEIRO, P. R. M. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 13-25.

RIBEIRO, P. R. M. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da Inquisição dos séculos XVI e XVII. In: **Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED.** 40 anos de pós-graduação em educação no Brasil. Rio de Janeiro: Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005.

RIBEIRO, P. R. M. História da Saúde Mental infantil no Brasil: da Segunda Guerra Mundial aos nossos dias. In: **DOXA – Revista Paulista de Psicologia e Educação.** Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL – UNESP, v. 10, n. 1 e 2, 2006, p. 57-67.

RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual:** múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 129-140.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SCALIA, A.C.M. A. **A Companhia de Jesus e a formação da cultura sexual brasileira:** um estudo histórico e documental a partir dos escritos do Padre Manuel da Nóbrega. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUZA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587.** 4^o Ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1971.

SPATA, A. **Métodos de pesquisa**: ciência do comportamento e diversidade humana. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

STADEN, H. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes** (século XVI). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999, 2ª parte, p. 88-117.

TOBIAS, J. A. **História das idéias no Brasil**. São Paulo: E. P. U, 1987.

USSEL, J. Von. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

VALENSIN, G. **Dicionário sexual**. São Paulo: IBRASA, 1976.

VIDAL, Diana G. Educação Sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. In: SOUZA, Cynthia (Org). **História da educação**: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.

YÁZIGI, E. **Deixe sua estrela brilhar**: criatividade nas ciências humanas e no planejamento. São Paulo: CNPq/Plêiade, 2005.

ANEXO

QUESTIONÁRIOS APLICADOS

QUESTIONÁRIO PARA COORDENADORES DE GRUPO DE PESQUISA

Nome: _____

Sexo: () F () M Idade: _____

Trajetória acadêmica:

Graduação: _____ Ano de formação: _____

Graduação: _____ Ano de formação: _____

Pós-Graduação MESTRADO: _____ Ano: _____

Pós-Graduação DOUTORADO: _____ Ano: _____

Pós-Doutorado? Sim ___ Não ___ Onde? _____ Ano: _____

Outra formação? _____ Ano: _____

Ano de criação do Grupo de Pesquisa: _____

Número atual de Integrantes por nível de formação:

a) Professores com Pós-Doutorado: _____ Área do Pós-Doutorado:

b) Professores doutores: _____ Área (s) do Doutorado:

c) Professores mestres: _____ Área (s) do Mestrado:

d) Alunos de Mestrado: _____ Área (s) do Mestrado:

e) Alunos de Doutorado: _____ Área (s) do Doutorado:

f) Alunos de Graduação: _____ Curso (s) predominante (s):

Total de integrantes: _____

Nome e sigla do grupo que lidera:

Instituição de Ensino Superior vinculada:

Obs.: Dados sobre o grupo serão obtidos na Plataforma Lattes

QUESTÕES

- 1) Conte um pouco sobre a criação do Grupo de Pesquisa (GP) que participa e os motivos que o levaram a participar do mesmo. Você é o fundador do grupo? Desde quando participa do mesmo?
- 2) Conte um pouco como o GP funciona atualmente.
- 3) Como o seu GP contribui para a formação de pesquisadores na área da sexualidade e da educação sexual?
- 4) Como o seu GP contribui para a sistematização dos saberes em sexualidade?
- 5) Como você relaciona a importância do seu GP na USP?
- 6) Qual a importância e como o GP contribui para a formação de seus alunos?
- 7) Como você avalia os estudos atuais sobre sexualidade e educação sexual no Brasil?
- 8) Como é a relação entre os integrantes do GP no tocante ao desenvolvimento de projetos, participação em grupo de estudos e formação em pesquisa? Como é a relação dos alunos de maior titulação com os iniciantes?
- 9) Como você avalia a atuação de seu GP junto aos cursos de graduação e pós-graduação existentes em sua unidade?
- 10) Como são divulgados os trabalhos de pesquisa desenvolvidos em seu GP?

11) Seu GP está internacionalizado? Com quais países têm vínculos efetivos? Em caso positivo, como essa internacionalização contribui para a formação de seus integrantes?

12) Outras informações que julgar necessárias

Obrigada pela participação!

QUESTIONÁRIO PARA INTEGRANTES DO GRUPO DE PESQUISA

NOME: _____

SEXO: () F () M IDADE: _____

TRAJETÓRIA ACADÊMICA:

GRADUAÇÃO: _____ Ano de formação: _____

CURSANDO GRADUAÇÃO EM: _____ Ano de formação: _____

CURSANDO MESTRADO EM: _____ Ingresso: _____

CURSANDO DOUTORADO EM: _____ Ingresso: _____

Outra formação? _____ Ano: _____

Nome do grupo que faz parte:

Instituição em Ensino Superior vinculada:

Obs.: Dados sobre o grupo serão obtidos na plataforma Lattes

QUESTÕES

- 1) Conte um pouco sobre a criação do Grupo de Pesquisa (GP) que participa e os motivos que o levaram a participar do mesmo.
- 2) Conte um pouco sobre como o GP funciona atualmente.
- 3) Como o seu GP contribui para a formação de pesquisadores na área da sexualidade e da educação sexual?

- 4) Como o seu GP contribui para a sistematização dos saberes em sexualidade?
- 5) Como você relaciona a importância do seu GP na USP?
- 6) Como você avalia os estudos atuais sobre sexualidade e educação sexual no Brasil?
- 7) Como é a relação entre os integrantes do GP no tocante ao desenvolvimento de projetos, participação em grupo de estudos e formação em pesquisa? Como é a relação dos alunos de maior titulação com os iniciantes?
- 8) Como você avalia a atuação de seu GP junto aos cursos de graduação e pós-graduação existentes em sua unidade?
- 9) Como são divulgados os trabalhos de pesquisa desenvolvidos em seu GP?
- 10) Seu GP está internacionalizado? Com quais países têm vínculos efetivos? Em caso positivo, como essa internacionalização contribui para a formação de seus integrantes?
- 11) Qual a importância e como o GP contribui para sua formação?
- 12) Outras informações que julgar necessárias

Obrigada pela participação!